DOCUMENT RESUME

ED 030 873 AL 002 001

By-Pontes, Eunice

Estrutura do Verbo no Portugues Coloquial (Verb Structure in Colloquial Portuguese).

Pub Date [69]

Note-147p.; Revised version of M.A. Thesis, University of Brasilia, June 1965, entitled "Sistema Flexional do Verbo Portugues"

Available from-Author, Rua Paulo Afonso 257, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil (U.S. $3.00).

EDRS Price MF-$0.75 HC-$7.45

Descriptors-Linguistic Patterns, *Morphology (Languages), Morphophonemics, *Phonology, *Portuguese, *Standard Spoken Usage, Structural Analysis, Structural Grammar, Structural Linguistics, Suffixes, *Verbs

Identifiers-Brazilian Portuguese, Rio De Janeiro Dialect

In this study the author uses the techniques of modern descriptive linguistics to analyze various features of the Portuguese verb system. The analysis is based on the colloquial, spontaneous speech of educated natives of Rio de Janeiro and is divided into four chapters: Phonology (pp. 6-29), Morphophonemics (pp. 30-49), Morphology (pp. 50-86), and Verbal Categories (pp. 87-132). The first two chapters provide the background for the chapter on morphology, the nucleus of the paper. In her phonological description the author eliminates two phonemes ("-lh" and "-nh") which occur in earlier analyses (M. Lemle and Mattoso Camera) and presents a new interpretation of certain other features. The chapter on morphophonemics establishes morphophonemes reflecting phonological conditioning of several alternative verb forms, thus simplifying the morphological description. The final chapters describe in detail the verb flexional system and present a classification of verbs according to their grade of irregularity. Verbal categories of mood, time, aspect, person, and number are expressed as a function of the system of categorical oppositions. Since a morpheme may represent more than one category, cases of neutralization are frequent in which one or the other category is null. Cumulative morphemes are postulated when necessary. (JD)

ED030873

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH, EDUCATION & WELFARE
OFFICE OF EDUCATION

THIS DOCUMENT HAS BEEN REPRODUCED EXACTLY AS RECEIVED FROM THE PERSON OR ORGANIZATION ORIGINATING IT. POINTS OF VIEW OR OPINIONS STATED DO NOT NECESSARILY REPRESENT OFFICIAL OFFICE OF EDUCATION POSITION OR POLICY.

ESTRUTURA DO VERBO

NO PORTUGUÊS COLOQUIAL

EUNICE PONTES

AL 002 001

EUNICE PONTES

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS)

ESTRUTURA DO VERBO NO PORTUGUÊS COLOQUIAL

BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

A L 002 001

Tese de Lingüística apresentada ao Instituto Central de Letras da Universidade de Brasília, em junho de 1965, para obtenção do grau de Mestre em Letras, com o título: "Sistema flexional do verbo português".

Tendo sido examinada por uma comissão de lingüistas (Dr. Joaquim Mattoso Câmara Jr. - da Universidade Federal do Rio de Janeiro -, Dra. Sarah Gudchinsky e Dr. Ivan Lowe - do Summer Institute of Linguistics), foi aprovada com a menção: Distinção.

INTRODUÇÃO

A finalidade dêste trabalho[1] é descrever, dentro dos princípios da moderna Lingüística Descritiva, o sistema flexional do verbo português, tal como se estrutura, atualmente, na língua coloquial espontânea de pessoas cultas do Rio de Janeiro.[2]

A escolha dêste objeto de pesquisa foi motivada, primeiro, pelo desejo de conhecer a realidade da língua comum, quase totalmente inexplorada no Brasil.[3] Em segundo lugar, pela enorme necessidade, sobretudo para finalidades didáticas, de trabalhos descritivos da nossa língua falada.

A curiosidade científica e a consciência da importância dêstes estudos nos animaram a tentar seguir a trilha aberta pioneiramente pelo Professor J. Mattoso Câmara Jr.. Procuramos realizar uma pesquisa cuidadosa e tão extensa quanto necessário,[4] e aplicar, aos dados, princípios mais sedimentados de análise lingüística, aliados a teorias mais recentes.

Esta tese se divide em quatro capítulos: Fonêmica, Morfofonêmica, Morfologia e Categorias Verbais. A Fonêmica é um capítulo introdutório. Nela procuramos descrever o que se revelou necessário, no decurso da análise, para servir de base ao núcleo da tese, que é o capítulo de Morfologia. A parte de Morfofonêmica é de transição. Achamos necessário, para maior facilidade de exposição, separar, do capítulo da Morfologia, tudo que poderia ser explicado fora dela. O capítulo final, de Categorias Verbais, surgiu da necessidade de se evidenciar melhor o sistema de oposições categóricas que se expressa na língua.

A orientação seguida para a análise fonêmica veio, sobre

tudo, de Keneth Pike (Phonemics). Além de examinarmos várias análises fonêmicas do Português do Brasil, fundamentamo-nos, principalmente, nos estudos de Mattoso Câmara Jr. e Miriam Lemle sôbre o Português do Rio de Janeiro. Para alguns problemas mais complexos, consultamos análises de línguas estrangeiras, tendo sido de grande proveito, ainda, discussões travadas em vários seminários do Curso de Pós-Graduação da Universidade de Brasília.

Embora já tivessem sido feitas duas analíses fonêmicas do Português do Rio, tivemos de apresentar, aqui, o essencial da fonêmica, sobretudo porque nenhuma destas análises tomou por objeto a língua coloquial espontânea. A análise morfológica, na verdade, exigiu esta nova formulação. Nossa experiência, neste ponto, confirma a afirmação de George Trager, expressa em sua análise do verbo francês:"I hold that a morphemic analysis can be accurate and satisfactory only in direct proportion to the accuracy of the phonemic analysis in which the morphemes are expressed" (1955, 511).

Não nos aprofundamos muito na Fonética, mas apresentamos algo nôvo no sistema fonêmico: a eliminação dos fonemas álveo-palatais lateral e nasal, dos grupos de consoante "eruditos" e uma nova interpretação das semi-vogais.[5] Esta interpretação das semi-vogais e das álveo-palatais, além de trazer maior economia ao sistema fonêmico, possibilitou uma nova compreensão de algumas alternâncias comumente consideradas irregulares e uma classificação das alternâncias temáticas que reúne maior número de verbos em uma só classe.

Influenciaram mais de perto a orientação da tese principalmente os artigos de Sidney Lamb, "The Sememic Approach to Structural Semantics" (1964) e Charles Hockett, "Linguistic Elements and Their Relations" (1961). Dêles nos vieram os conceitos de "representação", "morfofonema", "port-manteau"[6], "neutralização", uma compreensão maior da estrutura da língua e da estruturação da Semântica nos sistemas lingüísticos.

Para problemas específicos de análise, seguimos a orientação principal de Charles Hockett ("Problems of Morphemic Analysis") e Eugene Nida ("The Identification of Morphemes"). Várias obras de Lingüística Descritiva foram consultadas subsidiàriamente. Examinamos diversas análises de verbo à procura de orientação prática. No Português, os trabalhos de Mattoso Câmara Jr. guiaram diversas de nossas decisões. Devemos mencionar, ainda, embora não sejam estruturalistas, os estudiosos do Português Said Ali e Epiphanio Dias, que observaram os fenômenos da língua com real objetividade. O excelente estudo de Henry R. Kahane e Harriet S. Hutter, sôbre as "Categorias Verbais no Português Coloquial do Brasil", serviu-nos de base para diversas conclusões no capítulo final.

Dos fenômenos descritos no capítulo de Morfofonêmica, vários haviam, já, sido observados por outros estudiosos da língua. Apresentamos, porém, aqui, um tratamento nôvo, reunindo em morfofonemas tôdas aquelas alternâncias fonològicamente condicionadas, a fim de, simplificando a escrita, trazer maior simplicidade à descrição morfológica.[7] Com esta finalidade, descrevemos, nesse capítulo, as alternâncias temáticas possíveis

de se explicar morfofonêmicamente, mostrando o condicionamento fonológico de várias alternâncias que têm sido consideradas morfológicas.

Na Morfologia pròpriamente dita, descrevemos o sistema flexional, baseado nos verbos sem alternância temática e apresentamos uma classificação dos verbos segundo o grau de irregularidade. Na descrição morfológica, visamos, em primeiro lugar, não à segmentação por si, mas descobrir a maneira pela qual se expressam as categorias verbais, isto é, como funciona o sistema de oposições categóricas nos verbos. Preferimos postular morfemas cumulativos quando era impossível segmentar. Baseando-nos na semelhança formal, identificamos os agrupamentos morfológicos em que se reúnem as formas verbais.

No capítulo final, tentamos descrever o sistema de categorias verbais que realmente se estrutura nos verbos portuguêses, com base nos exemplos colhidos. Em seguida, também com base no material registrado, tentamos vislumbrar um "sentido" nos agrupamentos morfológicos. Em apêndice, colocamos as formas marginais encontradas, que não foi possível analisar detalhadamente, dentro dos limites dêste trabalho.

Alistamos, na Bibliografia, as obras que serviram diretamente a êste trabalho, indicando, sempre que possível, as páginas consultadas. Não incluímos obras que fazem parte da bibliografia básica do Curso de Mestrado, nem, dos livros citados, os capítulos lidos não em função desta tese, embora tenham contribuído, indiretamente, para a sua elaboração, formando o "background" linguístico indispensável para se encetar qualquer trabalho desta natureza.

N O T A S

1. Agradecemos ao Professor Dr. Ivan Lowe, sob cuja preciosa assistência e sábia orientação realizamos êste trabalho.

2. Serviu de informante principal uma môça de 20 anos de idade, de nível médio de instrução (secretária-datilógrafa), carioca, filha de cariocas, que só viveu fora do Rio os dois anos anteriores ao início desta tese (em Brasília).
   As conversas se travaram entre a informante e a autora, que foi também aproveitada como informante secundária (também carioca, de mãe carioca, tendo vivido no Rio até 7 anos, depois no Estado do Rio, e, anteriormente a Brasília, 5 anos no Rio). Houve ainda uma palestra gravada entre a autora e dois colegas professôres da Universidade, um carioca de nascimento, que viveu no Rio até o ano de início da tese, e outro, carioca de vivência, pois viveu no Rio desde a infância. Êstes forneceram o "corpus" fundamental. Não nos restringimos, porém, ao material gravado, exclusivamente. Durante anos de convívio com cariocas, tivemos oportunidade de observar os fatos lingüísticos aqui descritos. Várias viagens feitas ao Rio durante a elaboração do trabalho também ajudaram a testar as conclusões a que chegamos.
   Esta tese foi resultado de observações constantes sôbre a fala viva carioca.

3. Conforme Nida, "it is what people say rather than what some people think they should say that is important to a descriptive linguist."

4. Baseamos nosso trabalho em cêrca de 1.500 orações registradas em gravações de conversas informais e, complementarmente, em orações avulsas, anotadas de conversas ouvidas. (Note-se que Longacre considera 1.000 orações suficientes para um trabalho de sintaxe - cf. 1964, 40). As orações avulsas estão designadas, no corpo do trabalho, por (av.) e as gravadas, pelo número da oração ou da página em que foram transcritas.

5. Para a interpretação das semi-vogais, aproveitamos, principalmente, da orientação da Dra. Sarah Gudchinsky e da Professôra Eunice Burgess, do Summer Institute of Linguistics.

6. Substituímos a denominação de "port-manteau", usada por Hockett e Lamb, por "morfema cumulativo", empregado, no mesmo sentido, por Mattoso Câmara Jr. (1959, 130).

7. Cf. Chomsky: "Notice that simplicity is a systematic measure; the only ultimate criterion in evaluation is the simplicity of the whole system." (1962, 55).

CAPÍTULO I

ANÁLISE FONÊMICA

Alistamos, neste capítulo introdutório, os fonemas encontrados na variedade do Português aqui estudada, com os exemplos que provam os contrastes entre êles (pares contrastivos). Em seguida, descrevemos os alofones cujo condicionamento foi possível determinar com maior segurança, dentro dos limites de nosso trabalho (só prosseguimos com a análise fonêmica até onde foi exigido pela análise morfológica, objeto central de nossa pesquisa). Na secção 3 tratamos da estrutura da sílaba, base para a divisão dos fonemas em vogais e consoantes. Na secção 4 apresentamos a justificação dos pontos em que nossa análise diverge de outras anteriores, ou sejam: o estabelecimento de uma série de vogais nasais, a interpretação das semi-vogais e das sílabas pós-tônicas.

1. Fonemas. / p t k ƀ d g f s š v z ž m n l r w y h i ĩ e ẽ ɛ u ũ o õ ɔ a ã/.

Os fonemas, em número de 31 (19 consoantes e 12 vogais), estão classificados em consoantes e vogais, em virtude de sua natureza fonética e da posição que ocupam na sílaba: as vogais, o centro, e as consoantes, a periferia. As semi-vogais, que ocorrem sempre na periferia da sílaba, alinham-se entre as consoantes, para maior simplicidade e economia do sistema. Também para maior simetria do sistema, classificamos a glotal /h/ (que,

como assinala Rosetti, fonèticamente "não é nem vogal nem consoante") como semi-vogal (cf. Rosetti, 1962, 69).

1.1. Consoantes. As consoantes classificam-se, segundo o ponto de articulação, em oclusivas, fricativas, nasais, líquidas e semi-vogais. Os dois primeiros grupos, oclusivas e fricativas, subdividem-se, de acôrdo com a fôrça de articulação, em fortes e lenes. Eliminamos do quadro de fonemas, sempre visando à simplicidade e à economia do sistema, dois fonemas que figuram em análises anteriores: as palatais lateral (=lh) e nasal (=nh). A primeira (fonèticamente [lʸ], lateral álveo-palatal) interpretamos como seqüência /ly/, de acôrdo com um padrão comum na língua, isto é, consoante seguida de semi-vogal, em vista de não existir, na língua coloquial, o contraste que a escrita sugere, do tipo óleo-olho, que se pronunciam da mesma maneira: |'ɔlʸu|.[1] A segunda, fonèticamente |ỹ| nasal álveo-palatal, provado seu condicionamento, considerou-se alofone de /y/.

1.1.1. Oclusivas:

a) fortes- bilabial /p/, pós-dental /t/, velar /k/ (surdas)[2]:

/'pala/	['palɐ]	pala;	/'tapa/	['tapɐ]	tapa
/'tɛla/	['tɛlɐ]	tela;	/'gatu/	['gatu]	gato
/'kala/	['kalɐ]	cala;	/'paka/	['pakɐ]	paca

b) lenes- bilabial /b/, pós-dental /d/, velar /g/:

/'bala/	['balɐ]	bala;	/'taba/	['tabɐ]	taba
/'dɛla/	['dɛlɐ]	dela;	/'gadu/	['gadu]	gado
/'gala/	['galɐ]	gala;	/'paga/	['pagɐ]	paga

1.1.2. Fricativas

a) fortes- lábio-dental /f/, alveolar /s/, álveo-palatal /š/ (surdas):

/'fala/	['falɐ]	fala;	/'safa/	['safɐ]	safa
/'sala/	['salɐ]	sala;	/'kasa/	['kasɐ]	caça
/'šapa/	['šapɐ]	chapa;	/'kaša/	['kašɐ]	caixa

b) lenes- lábio-dental /v/, alveolar /z/, álveo-palatal /ž/:

/'vala/	['valɐ]	vala;	/'kava/	['kavɐ]	cava
/'zɛla/	['zɛlɐ]	zela;	/'kaza/	['kazɐ]	casa
/'žaka/	['žakɐ]	jaca;	/ka'ža/	[kɐ'ža]	cajá

1.1.3. Nasais: bilabial /m/, pós-dental /n/ (lenes):

/'mata/	['matɐ]	mata;	/'kãma/	['kɐ̃mɐ]	cama
/'nata/	['natɐ]	nata;	/'kãna/	['kɐ̃nɐ]	cana

1.1.4. Líquidas: lateral /l/, "flap" /r/ (alveolares, lenes):

/'lata/	['latɐ]	lata;	/'tala/	['talɐ]	tala
			/'tara/	['tarɐ]	tara

		Labiais	Apicais	Dorsais	Glotal
Oclusivas	fortes	p	t	k	
	lenes	b	d	g	
Fricativas	fortes	f	s	š	
	lenes	v	z	ž	
Nasais		m	n		
Líquidas	lateral		l		
	"flap"		r		
Semi-vogais		w		y	h

QUADRO 1 - CONSOANTES

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		Orais	Nasais	Oral	Nasal	Orais	Nasais
Altas		i	ĩ			u	ũ
Médias	Fechadas	e	ẽ			o	õ
	Abertas	ɛ				ɔ	
Baixas				a	ã		

QUADRO 2 - VOGAIS TÔNICAS E ÁTONAS NÃO FINAIS

1.1.5. Semi-vogais - bilabial /w/, palatal /y/, glotal /h/[3]:

/'kwaw/	['kwaw]	qual;	/'tabwa/	['tabwɐ]	tábua
/'hiw/	['hiw]	riu;	/ma'wa/	[mɐ'wa]	Mauá
/ya'ya/	[yɐ'ya]	iaiá;	/'sabya/	['sabyɐ]	sábia
/'boy/	['boy]	boi			
/'hatu/	['hatʊ]	rato;	/'kahʊ/	['kahʊ]	carro
/'pah/	['pah]	par			

1.2. Vogais: As vogais se dividem em orais e nasais. Segundo o ponto de articulação, classificam-se em anteriores, posteriores e centrais, cada qual podendo ser alta, média ou baixa. As médias se classificam em fechadas e abertas, conforme o grau de abrimento da cavidade bucal.

1.2.1. Anteriores (não arredondadas):

a) altas- oral /i/, nasal /ĩ/:

/'isu/	['isʊ]	isso;	/'vi/	['vi]	vi
/'pĩsa/	['pĩsɐ]	pinça;	/'vĩmi/	['vĩmɪ]	vime

b) médias- fechadas: oral /e/, nasal /ẽ/; aberta /ɛ/:

/'esi/	['esɪ]	êsse;	/'vɛ/	['ve]	vê
/pe'kava/	[pe'kavɐ]	pecava			
/'tẽsa/	['tẽsɐ]	tensa;	/'tẽma/	['tẽmɐ]	tema
/tẽ'sãw/	[tẽ'sɐ̃w̃]	tensão			
/'ɛsa/	['ɛsɐ]	essa;	/'fɛ/	['fɛ]	fé
/hɛ'mɛsa/	[hɛ'mɛsɐ]	remessa;	/fɛ'zĩỹa/	[fɛ'zĩỹɐ]	fèzinha

1.2.2. Posteriores (arredondadas):

a) altas- oral /u/, nasal /ũ/:

/'uza/	['uzɐ]	usa;	/'nu/	['nʊ]	nu
/'fũšu/	['fũšʊ]	funcho;	/'fũmu/	[fũmʊ]	fumo
/fũ'sãw/	[fũ'sɐ̃w̃]	função			

b) médias- fechadas: oral /o/, nasal /õ/; aberta /ɔ/:

/'ovu/	['ovʊ]	ôvo;	/a'vo/	[ɐ'vo]	avô
/po'lah/	[po'lah]	polar;			
/'õsa/	['õsɐ]	onça;	/'tõma/	['tõmɐ]	toma
/mõ'sãw/	[mõ'sɐ̃w̃]	monção			
/'ɔva/	['ɔvɐ]	ova;	/a'vɔ/	[ɐ'vɔ]	avó
/higɔ'rɔza/	[higɔ'rɔzɐ]	rigorosa;	/sɔ'zĩ̃ũ/	[sɔ'zĩ̃ʊ]	sòzinho

1.2.3. Centrais: oral /a/, nasal (fechada) /ã/ (não arredondadas):

/'aza/	['azɐ]	asa;	/'la/	['la]	lá
/'lãsa/	['lɐ̃sɐ]	lança;	/'lã/	['lã]	lã
/'lãma/	['lɐ̃mɐ]	lama;	/'ɔhfã/	['ɔhfɐ̃]	órfã
/kã'mĩya/	[kɐ̃'mĩ̃ɐ]	caminha (cama pequena)			

1.3. Acento

Há um fonema supra-segmental de intensidade[4], que pode ocorrer na 1ª., 2ª., 3ª. ou 4ª. sílaba a contar do fim:

/ĩtĩmi'da/	intimidar
/ĩtĩ'mida/	intimida

/'tĩmida/ tímida

/'hitĩmika/ rítmica

2. Alofones

Na secção 1. apresentamos os fonemas exemplificados com os alofones que foram considerados como norma. Indicaremos, a seguir, os outros alofones dos fonemas, descrevendo os ambientes que condicionam as variações:

2.1. As oclusivas pós-dentais apresentam variantes africadas alveo-palatais diante de /i/ ou /y/:

/t/ [č] /'tiya/ ['čiyɐ] tia; /'patyu/ ['pačyʊ] pátio

/d/ [ǰ] /'diya/ ['ǰiyɐ] dia; /'haḏyu/ ['haǰyʊ] rádio

2.2. As oclusivas velares apresentam variantes pré-velares diante de vogal anterior ou de /y/, e pós-velares diante de vogal posterior ou /w/ (diante de /a/, ocorre a médio-velar [k] - v. 1.1.1.):

/k/ [k̟] /a'keli/ [ɐ'k̟eli] aquêle; /a'kɛla/ [ɐ'k̟ɛlɐ] aquela

[k̠] /'kɔla/ ['k̠ɔlɐ] cola; /'takʊ/ ['tak̠ʊ] taco

/'paškwa/ ['pašk̠wɐ] páscoa

/g/ [g̟] /'giya/ ['g̟iyɐ] guia; /'gɛha/ ['g̟ɛhɐ] guerra

[ĝ] /'gɔla/ ['ĝɔlɐ] gola; /'pagu/ [pagʊ] pago

/'agwa/ ['agwɐ] água

Diante de /i/ ou /y/, a oclusiva pré-velar (surda) forte

apresenta uma ligeira aspiração:

/k/ [k̂ʰ] /a'ki/ [ɐ'k̂ʰi] aqui; /'batrakyu/ [bɐ'trak̂ʰyʊ] batráquio

2.3.1. As semi-vogais /y/ e /w/ apresentam variantes nazalizadas depois de vogal nasal:

/y/ [ỹ] /'mũỹtu/ ['mũỹtʊ] muito; /'mãy/ ['mɐ̃ỹ] mãe
/w/ [w̃] /'mɐ̃w̃/ ['mɐ̃w̃] mão; /'bõw/ ['bõw̃] bom

Seguido de vogal, [ỹ] varia livremente com [ñ] nasal álveo-palatal sonoro lene:

/'mãya/ ['mɐ̃ỹɐ] ['mɐ̃ñɐ] manha; /põya/ ['põỹɐ] ['põñɐ] ponha

2.3.2. A semi-vogal glotal /h/ apresenta, diante de vogal, pausa ou consoante surda, variação livre entre [h] fricativa glotal surda e [x] fricativa velar surda:

/h/ [h] [x] /'hatu/ ['hatʊ] ['xatʊ] rato; /kahu/ ['kahʊ] ['kaxʊ] carro

/'kahta/ ['kahtɐ] ['kaxtɐ] carta; /'pah/ ['pah] ['pax] par

Diante de consoante sonora, ocorre [g̃] fricativa velar sonora:

/'kahga/ ['kag̃gɐ] carga; /'vehdi/ ['veg̃ǰi] verde

2.4. Tôda consoante lene, que em geral é sonora, apresenta um alofone surdo em sílaba átona seguida de pausa ou consoan

te surda (em variação livre com o respectivo alofone sonoro), se a vogal do núcleo da sílaba em que ela ocorre apresentar o alofone surdo (v. 2.7.):

/b/	[p^{-}]	/'taba/	['tap^{-}A]	taba
/d/	[t^{-}]	/'gadu/	['gat^{-}U]	gado
	[č$^{-}$]	/'sedi/	['seč$^{-}$I]	sêde
/g/	[k^{-}]	/'paga/	['pak^{-}A]	paga
	[k^{-}]	/'pagu/	['pak^{-}U]	pago
	[k^{-}]	/'pagi/	['pak^{-}I]	pague
/v/	[f^{-}]	/'tevi/	['tef^{-}I]	teve
/z/	[s^{-}]	/'kaza/	['kas^{-}A]	casa
/ž/	[š$^{-}$]	/'vežu/	['veš$^{-}$U]	vejo
/m/	[M]	/'kãma/	['kɐ̃MA]	cama
/n/	[N]	/'kãna/	['kɐ̃NA]	cana
/l/	[L]	/'tala/	['taLA]	tala
/r/	[R]	/'tara/	['taRA]	tara
/w/	[W]	/'tabwa/	['tap^{-}WA]	tábua
/y/	[Y]	/'sabya/	['sap^{-}YA]	sábia

2.5. As vogais altas orais, que, em sílaba tônica, têm alofones fechados, em sílaba átona apresentam alofones abertos:

/i/ [ɪ] /pi'kava/ [pɪ'kavɐ] picava; /'tevi/ ['tevɪ] teve
/u/ [ʊ] /pu'lah/ [pʊ'lah] pular; /'uzu/ ['uzʊ] uso

2.6. A vogal central oral /a/, que, em sílaba tônica, realiza-se como [a] vocóide baixo aberto central não arredondado oral sonoro, em sílaba átona realiza-se como [ɐ] vocóide baixo

fechado central não arredondado oral sonoro:

/aˈzafãma/ [ɐˈzafɐ̃mɐ] azáfama

2.7. Em sílaba átona final pode haver ensurdecimento da vogal, isto é, há variação livre entre vocóides surdos e sonoros:

/i/	[i]	[I]	/ˈesi/	[ˈesɪ]	[ˈesI]	êsse
/u/	[ʊ]	[U]	/ˈisu/	[ˈisʊ]	[ˈisU]	isso
/a/	[ɐ]	[A]	/ˈɛsa/	[ˈɛsɐ]	[ˈɛsA]	essa

Em sílaba átona final também se encontra a variação livre entre alofones sonoros e surdos de /i/, /u/, /a/, diante de consoante surda:

/fiˈkava/ [fIˈkavɐ] ficava; /afiˈtɔza/ [ɐfIˈtɔzɐ] aftosa
/kušˈtũma/ [ḳUšˈtũmɐ] costuma
/kaˈsava/ [kAˈsavɐ] caçava

2.8. Tôdas as vogais nasais apresentam, diante de consoante oclusiva, um "glide" consonântico nasal homorgânico (i.é, pós-dental diante de pós-dental, bilabial diante de bilabial , velar diante de velar):

/ĩ/	[ĩⁿ]	/ˈpĩta/	[ˈpĩⁿtɐ]	pinta
	[ĩᵐ]	/ˈnĩbu/	[ˈnĩᵐbʊ]	nimbo
	[ĩᵑ]	/ˈsĩku/	[ˈsĩᵑḳʊ]	cinco
/ẽ/	[ẽⁿ]	/ˈtẽda/	[ˈtẽⁿdɐ]	tenda
	[ẽᵐ]	/ˈtẽpu/	[ˈtẽᵐpʊ]	tempo
	[eᵑ]	/ˈpẽka/	[ˈpẽᵑkɐ]	penca
/ũ/	[ũⁿ]	/ˈfũdu/	[ˈfũⁿdʊ]	fundo

	[ũᵐ]	/ˈšũbu/	[ˈšũᵐbʊ]	chumbo
	[ũᵑ]	/ˈfũgu/	[ˈfũᵑgʊ]	fungo
/ã/	[ɐ̃ⁿ]	/ˈãta/	[ˈɐ̃ⁿtɐ]	anta
	[ɐ̃ᵐ]	/ˈkãpu/	[ˈkɐ̃ᵐpʊ]	campo
	[ɐ̃ᵑ]	/ˈkãga/	[ˈkɐ̃ᵑgɐ]	canga
/õ/	[õⁿ]	/ˈõda/	[ˈõⁿdɐ]	onda
	[õᵐ]	/ˈtõba/	[ˈtõᵐbɐ]	tomba
	[õᵑ]	/ˈkõga/	[ˈkõᵑgɐ]	conga

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Altas	/i/	/ĩ/			/u/	/ũ/
Baixas			/a/	/ã/		

QUADRO 3 - VOGAIS ÁTONAS FINAIS

3. Distribuição dos fonemas na sílaba.

A sílaba constitui-se de um núcleo vocálico obrigatório, que pode ser precedido ou seguido de consoante. Sendo N o núcleo, C_1 qualquer consoante ou grupo de duas consoantes que preceda N, e C_2 qualquer consoante ou grupo de duas consoantes que siga N, temos a seguinte fórmula para a sílaba:[5]

$$s = \pm C_1 + N \pm C_2$$

3.1. C_1 é representado por tôdas as consoantes (apenas /r/ e /w/ não ocorrem em início de palavra: ver exemplos em 1.1.) e alguns grupos de consoantes:

3.1.1. Grupos de oclusiva ou fricativa apical mais líquida (/r/, /l/):

/pr/	/'pratu/	prato
/pl/	/'plasidu/	plácido
/tr/	/'tratu/	trato
/tl/	/a'tlɛta/	atleta
/kr/	/kra'tɛra/	cratera
/kl/	/'klĩma/	clima
/fr/	/'fraku/	fraco
/fl/	/'flasidu/	flácido
/br/	/'brãma/	brama
/bl/	/'blɔku/	bloco
/gr/	/'grãma/	grama
/dr/	/'drãma/	drama
/dl/	não ocorre	
/gl/	/'glɔza/	gloza
/vr/	/'lavra/	lavra
/vl/	ocorre em empréstimo:	
	/vladi'mih/	Vladimir

3.1.2. Grupos formados de consoante mais-vogal:

1) C + y: Tôdas as consoantes, exceto /s̃, h, y, w/, combinam-se com /y/. Exemplos de alguns grupos:

/by/	/'sabya/	sábia
/sy/	/a'kasya/	acácia
/ny/	/ĩ'sõnya/	insônia

/ly/	/'filya/	filha[6]

2) C + w: foram encontrados exemplos dos seguintes grupos:[7]

/pw/	/'kapwa/	Cápua
/bw/	/'tabwa/	tábua
/tw/	/'fatwu/	fátuo
/dw/	/'ahdwa/	árdua
/nw/	/ĩ'žẽnwa/	ingênua
/kw/	/'kwatru/	quatro
/gw/	/'gwahda/	guarda

3.2. C_2 é representado pelas fricativas álveo-palatais /š/ e /ž/, as semi-vogais /y/, /w/ e /h/ e por grupos de duas dessas consoantes, em que as semi-vogais nunca ocorrem em segundo lugar. As fricativas álveo-palatais, nesta posição, estão em distribuição complementar: a surda só ocorre diante de consoante surda ou silêncio, e a sonora só diante de consoante sonora:

/š/	/'pašta/	pasta
/ž/	/'pažmu/	pasmo
/h/	/'pɔhta/	porta
/y/	/'pay/	pai
/w/	/'paw/	pau
/ys/	/'payš/	pais
/ws/	/'pawš/	paus
/hš/	/pehšpeki'tiva/	perspectiva

3.3. Núcleo. A posição de núcleo é ocupada por qualquer vogal,

não mais que uma em cada sílaba. As restrições a que as vogais estão submetidas decorrem, quase exclusivamente, da sua posição em relação ao acento: em sílaba tônica, ocorrem tôdas as vogais; em sílaba átona não final, é rara a ocorrência das médias abertas (apenas em palavras derivadas, como sòzinha e sòmente, ou quando pré-tônicas, sendo a vogal tônica média aberta também, como no caso de remessa, rigorosa); em sílaba átona final, só se encontram as centrais e as altas. Diante de consoante nasal, em sílaba tônica, não ocorrem as orais, mas, em sílaba átona, há contraste entre /a/ e /ã/: /ka'mĩya/ caminha (verbo) e /kã'mĩya/ caminha (cama pequena) (v. 1.2., 2.5. a 2.8. e quadros 2 e 3).

Como decorrência da fórmula para a sílaba apresentada acima, ou seja: $S = \pm C_1 + N \pm C_2$ temos, em resumo, os seguintes padrões silábicos, com as vogais ocorrendo obrigatòriamente em todos êles:

V	/'a/	há
CV	/'pɛ/	pé
CCV	/'globu/	globo
VC	/'uhna/	urna
VCC	/'eyš/	eis
CVC	/'hɔw/	rol
CVCC	/'hũyš/	ruins
CCVC	/'tray/	trai
CCVCC	/'kwayš/	quais

4. Problemas de interpretação. Há alguns pontos em que nossa a

nálise tem de divergir das análises anteriores do dialeto carioca, pois, ao contrário daquelas, baseamo-nos exclusivamente na fala coloquial espontânea.

Da interpretação da lateral álveo-palatal, tratamos na nota 6. Trataremos aqui, mais detalhadamente, da interpretação das semi-vogais e dos motivos por que apontamos três sílabas pós-tônicas.

Consideramos desnecessário discutir a interpretação de /r/ e /h/ como fonemas distintos, pois ninguém pensaria em unir êstes dois sons, tão distintos fonèticamente, e que, além disso, estão em evidente oposição em pares como caro, carro, era, erra /'karu/ /'kahu/, /'ɛra/ /'ɛha/. Como não encontramos líquida vibrante em nosso "corpus", o problema, que já foi amplamente discutido por Mattoso Câmara e Miriam Lemle, não se pôs para nós (v. Mattoso Câmara, 1953, 105-110; Miriam Lemle, ms. 1963, 17-18).

Quanto às vogais nasais, em virtude de haver contraste entre elas e as vogais orais, como mostramos em 1.2., foram interpretadas como fonemas distintos. A não existência de contraste em alguns ambientes, como diante de consoante nasal, não invalida a primeira evidência. O que há é uma falha na distribuição das vogais orais, que não ocorrem, tôdas, diante de consoante nasal, sendo um fato comum a outros fonemas a falha na distribuição, pois não ocorrem em tôdas as situações em que poderiam ocorrer.

Esta interpretação, a nosso ver, traz maior simplicidade à escrita fonêmica, não aumenta o número de padrões silábicos (como aconteceria se considerássemos um fonema nasal de trava-

mento, tendo de criar mais um padrão, CVCC, para casos como "cães" /'kayNs/) e evita arbitrariedade na escolha da consoante nasal de travamento, em casos como o de "lã". Um estudo detalhado do problema foi feito por Miriam Lemle, em quem nos baseamos (cf. ms. 1963, 14-16).

4.1. Semi-vogais. Colocamos as vogais assilábicas no quadro das consoantes, considerando sua distribuição: tôdas ocorrem na periferia da sílaba, nunca no núcleo, portanto, na posição de consoante:

/y/	C_1	/ya'ya/	[yɐ'ya]	iaiá
		/'sabya/	['sabyɐ]	sábia
	C_2	/'vay/	['vay]	vai
/w/	C_1	/ma'wa/	[mɐ'wa]	Mauá
		/'kwatru/	['kwatrʊ]	quatro
	C_2	/'maw/	['maw]	mau
/h/	C_1	/'hatu/	['hatʊ]	rato
	C_2	/'pah/	['pah]	par

Para interpretar as semi-vogais como vogais, teríamos de criar padrões silábicos com núcleo VV, baseados apenas na ocorrência de vogal seguida de semi-vogal, uma vez que não existem, em nosso "corpus", grupos de vogais não problemáticas como núcleo de sílaba (tipo ae, ea, ao, oa, etc.). Interpretá-las como consoante é também mais simples e econômico do que criar uma classe de semi-vogais.

4.1.1. A nasal álveo-palatal como alofone de /y/. Como vimos na

descrição do fonema /y/ (2.3.), a <u>semi-vogal anterior não arredondada oral</u> [y] está em distribuição complementar com a <u>semi-vogal anterior não arredondada nasalizada</u> [ỹ]: a semi-vogal oral só ocorre antecedida de vogal oral, a nasal só antecedida de vogal nasal.

A semi-vogal anterior não-arredondada nasalizada varia livremente com a nasal álveo-palatal [ñ] em posição inter-vocálica:[8]

[ĩ'ỹɔk^{h}ɪ]	[ĩ'ñɔk^{h}ɪ]	nhoque
['tẽỹʊ]	['tẽñʊ]	tenho
['tẽỹũ'livrʊ]	['tẽñũ'livrʊ]	tenho um livro / tem um livro

Considerando, portanto, que [ỹ] e [ñ] estão em variação livre, e que ambos, por sua vez, estão em distribuição complementar com [y], reunimos todos num só fonema /y/. O fato de [ñ] ser o alofone de ocorrência mais restrita contra-indica sua adoção como norma do fonema.

Nossa interpretação traz economia de fonemas, sem aumentar o número de padrões silábicos.[9]

	#-	V - V	V-C	$\tilde{V}$-V	$\tilde{V}$-C	V- #	V-#
y	x	x	x	-	-	x	-
ỹ	-	-	-	x	x	-	x
ñ	-	-	-	x	-	-	-

QUADRO 4 - DISTRIBUIÇÃO DOS ALOFONES DE /y/

4.1.2. Estabelecido seu "status" fonêmico, escrevemos a semi-

-vogal cada vez que ocorre qualquer de seus alofones. Nem sempre foi simples cumprir essa decisão, havendo casos em que ela ora ocorre, ora não (variação livre com não ocorrência).

Houve casos em que se teve de escolher entre considerar fonêmica ou não a ocorrência da semi-vogal:

4.1.2.1. Variação entre ocorrência e ausência da semi-vogal.

Antecedida de vogal do mesmo ponto de articulação (anterior fechada diante de /y/, posterior fechada diante de /w/) e seguida de vogal, a semi-vogal ocorre na fala mais pausada, mas na fala rápida desaparece:

/'tẽyu/	['tẽỹʊ]	['tẽʊ]	tenho
/'tĩya/	['čĭỹɐ]	['čĭɐ]	tinha
/'liya/	['liyɐ]	['liɐ]	lia
/pa'seyi/	[pɐ'seyɪ]	[pɐ'seɪ]	passeie
/'tuwa/	['tuwɐ]	['tuɐ]	tua
/'vowa/	['vowɐ]	['voɐ]	voa

Considerou-se fonêmica sua ocorrência, neste ambiente, diversamente de análises antecedentes[10], pelas seguintes razões:

a) pressão estrutural - a seqüência de semi-vogal mais vogal é freqüente na língua, ocorrendo semi-vogal depois de qualquer vogal (cf. 1ª coluna do quadro 5). Seqüência de vogal tônica mais vogal, no entanto, é caso raro. (v. quadro 5)[11] Escrever fonêmicamente sem a semi-vogal seria contrariar o que é mais normal na língua. A semi-vogal, aí, porém, entra no padrão silábico mais comum, CV. A pressão estrutural, neste caso, con

duz à escrita fonêmica da semi-vogal, seu desaparecimento sendo considerado sub-fonêmico.

b) nem sempre a semi-vogal é previsível, pois ocorre /y/ também depois de vogais posteriores e centrais e /w/ depois de vogais anteriores (cf. quadro 5), o que demonstra que sua ocorrência não é automática: há contraste entre /a'poyu/ e /'bowa/, /'kuya/ e /'tuwa/.

4.1.2.2. Diante de pausa, não há oposição entre ocorrência e ausência de semi-vogal, quando precedida de vogal do mesmo ponto de articulação:

/'tey/	['tẽỹ]	tem
/'vĩy/	['vĩỹ]	vim
/'bõw/	['bõw̃]	bom
/'hũw/	['hũw̃]	rum

Resolvemos conservar na escrita fonêmica, a semi-vogal, porque:

a) não há pressão estrutural que leve a considerá-la sub-fonêmica, pois, estruturalmente, diante de pausa, tanto pode ocorrer vogal seguida de semi-vogal, como seguida de silêncio (cf. quadro 5).

b) há contraste, neste ambiente, entre /w/ e /y/, o que evidencia não ser previsível a ocorrência da semi-vogal: /'bõw/ opõe-se a /'põy/, /'hũw/ a /'hũy/.

4.2. Sílabas pós-tônicas. Assinalamos a existência, em nossa análise (cf. 1.3.), de um número máximo de três sílabas pós-

-tônicas, isto é, uma sílaba a mais das que se tem considerado, tradicionalmente. Isto acontece porque não existem, na fala coloquial não tensa, os grupos consonantais que "o vocabulário erudito introduziu", como assinala já Mattoso Câmara (1953, 111) e também Miriam Lemle (ms. 1963, 20, 21, 22, notas de pé de página). Na verdade, não encontramos diferença fonética, nesse ponto, entre, por exemplo, ritmo e ótimo, acne e máquina, apto e rápido, fixe e fique-se, sob e soube:[12]

/'hitimu/	['hičɪmʊ]	['hičIMU]	ritmo
/'ɔtimu/	['ɔčɪmʊ]	['ɔčIMU]	ótimo
/'akini/	['ak̂^{h}ɪnɪ]	['ak̂^{h}INI]	acne
/'makina/	['mak̂^{h}ɪnɐ]	['mak̂^{h}INA]	máquina
/'apitu/	['apɪtʊ]	['apITU]	apto
/'hapidu/	['hapɪdʊ]	['hapIt^{-}U]	rápido
/'fikisi/	['fik̂^{h}ɪsɪ]	['fik̂^{h}IsI]	fixe
/'fiki si/	['fik̂^{h}ɪsɪ]	['fik^{h}IsI]	fique-se
/'sobi/	['sobɪ]	['sop^{-}I]	sob
/'sobi/	['sobɪ]	['sop^{-}I]	soube

Com esta interpretação, temos três sílabas pós-tônicas, em palavras como:

/'tɛkinika/	['tɛk̂^{h}ɪnɪkɐ]	['tɛk̂^{h}INIkA]	técnica
/'ɛtiniku/	['ɛčɪnɪ̣kʊ]	['ɛčINỊkU]	étnico

São muito raras as ocorrências de palavras com três sílabas pós-tônicas, como raras são as palavras com duas sílabas pós-tônicas.

VyV			VwV		Vy#		Vw#		VV	V#	
/a/	/'saya/	saia	-		/'pay/	pai	/'paw/	pau	-	/'pa/	pá
/ã/	/'mãya/	manha	-		/'mãy/	mãe	/'mãw/	mão	-	/'lã/	lã
/ɛ/	/i'dɛya/	idéia	-		-	-	/'hɛw/	réu	-	/'hɛ/	ré
/e/	/'leya/	leia	-		/'sey/	sei	/'sew/	seu	-	/'ve/	vê
/ẽ/	/'tẽya/	tenha	-		/'tẽy/	tem	-	-	-	-	-
/ɔ/	/'bɔya/	bóia	-		/'dɔy/	dói	/'hɔw/	rol	-	/'nɔ/	nó
/o/	/a'poyu/	apoio	/'bowa/	boa	/'boy/	boi	-	-	-	/'vo/	vou
/õ/	/'põya/	ponha	-		/'põy/	põe	/'bõw/	bom	-	-	-
/u/	/'kuya/	cuia	/'tuwa/	tua	/'huy/	rui	/a'zuw/	azul	-	/'nu/	nu
/ũ/	/'pũya/	punha	-		/'hũy/	ruim	/'hũw/	rum	-	-	-
/i/	/'hiya/	ria	-		-	-	/'hiw/	riu	-	/'hi/	ri
/ĩ/	/'vĩya/	vinha	-		/'vĩy/	vim	-	-	-	-	-

QUADRO 5 - SEMI-VOGAIS PÓS-VOCÁLICAS (em confronto com não-ocorrência)

N O T A S

1 - Conforme o Prof. Mattoso Câmara já notara (cf. 1953, 58).

2 - Classificamos as consoantes em fortes e lenes e não em surdas e sonoras, como outros autores costumam fazer, em vista da ocorrência de alofones surdos das consoantes lenes (v.2.4.). Em casos como o de/'taba/ ['tap⁻A] frente a /'tapa/ ['tapA], desaparece a oposição surdez-sonoridade, permanecendo, apenas, para distinguir as consoantes, a oposição de lene-forte. Assinalamos que as consoantes fortes são sempre surdas e as lenes apresentam alofones sonoros exceto em ambiente surdo, descrito em 2.4. Para um estudo mais detalhado do problema dos alofones surdos das consoantes e vogais, v. Miriam Lemle, 1963.

3 - Incluímos /h/ no quadro das consoantes como semi-vogal em virtude de sua natureza fonética (vocóide surdo assilábico) e para maior simetria do sistema (cf. Pike, 1947, 56). As semi-vogais /y/ e /w/, fonèticamente vocóides assilábicos, são altas, fechadas e diferem pelo ponto de articulação (anterior-posterior) e pela posição dos lábios (não arredondados-arredondados).

4-- Fonèticamente, a sílaba tônica, além de maior energia na emissão de voz, apresenta-se mais longa e mais alta do que as outras.

5 - Fórmula segundo modêlo de Agard para o Rumeno (1958, 13). O sinal + indica ocorrência obrigatória e ± indica ocorrência facultativa.

6 - A seqüência /ly/ se realiza fonèticamente como [l^{y}],,lateral álveo-palatal sonora:

/'ɔlyu/	['ɔl^{y}ʊ]	olho, óleo
/fa'lyava/	[fɐ'l^{y}avɐ]	falhava

Considerada, fonêmicamente, como uma seqüência, ela entra perfeitamente no padrão silábico CVC. Note-se que, em início de palavra, só ocorre em empréstimo: "lhama."

7 - Não encontramos ocorrência dos cinco primeiros grupos em sílaba tônica, Comparem-se os exemplos dados acima com os seguintes, em que a vogal alta corresponde à semi-vogal: /kapu'era/ capoeira; /tabu'ada/ tabuada; /ípetu'ozu/ impetuoso; /gradu'adu/ graduado; /anu'aw/ anual.

8 - Não temos exemplo de [ñ] ocorrendo em início de palavra. A variação livre entre [ñ] e [ỹ] foi assinalada por Miriam Lemle em sua análise (ms. 1963.6).

9 - Note-se que a nasal álveo-palatal difere, em distribuição, dos "glides" nasais bilabial, pós-dental e velar que ocorrem depois de vogal nasal, diante de oclusiva: [ñ] não ocorre diante de consoante. E a semi-vogal anterior nasal [ỹ] também difere daqueles, pois sua ocorrência diante de consoante não é condicionada, podendo ocorrer diante de /t/, em muito /'mũytu/ ['mũỹtʊ] (em que, inclusive, opõe-se à nasal pós-dental de mundo /'mũdu/ ['mũⁿdʊ]).
Justifica-se, portanto, o tratamento diferente que se deu aos diferentes sons nasais.

10 - Mattoso Câmara considera estas semi-vogais sub - fonêmicas

(cf, 1953, 72) e Miriam Lemle também assim considera as semi-vogais pós-vocálicas seguidas de pausa (cf. ms. 1963, 9-10).

11 - Não encontramos senão um caso de seqüência VV: da 3ª pessoa do plural dos verbos cujo tema termina em vogal (ter, vir, pôr, etc.). Mesmo aí, a seqüência VV varia com VC (vogal mais semi-vogal): /ˈtẽĩ/ /tẽy/ "têm".

12 - Veja-se o que Mattoso Câmara diz a respeito de "sob": "Por isso, uma partícula como sob só se distingue a rigor de sôbre pela ausência do /r/..." (1953, 112).

CAPÍTULO II

MORFOFONÊMICA

Precedendo a análise morfológica, apresentamos aqui uma descrição das alternâncias morfofonêmicas regulares que se encontram no verbo. A fim de obter maior simplicidade na descrição morfológica, estabelecemos uma escrita morfofonêmica,[1] visando a eliminar alternâncias irrelevantes do ponto de vista da Morfologia.

Com efeito, os morfemas verbais apresentam alomorfes condicionados fonolòˆgicamente, que devem ser descritos à parte, a fim de não sobrecarregar a descrição morfológica. Tomemos como exemplo o morfema de Futuro do Subjuntivo: apresenta uma forma diante de consoante, que é /h/: amarmos /a'mahmuš/ ; outra, diante de vogal, que é /r/: amarem /a'marẽy/; e em posição final de palavra êle desaparece, toma a forma ø (zero): amar /a'ma/. Para simplificar a descrição morfológica, ocupando-nos sòmente com os problemas relevantes nesse nível, criamos uma escrita que abstrai dessas alternâncias fonológicas. Estabelecemos, assim, morfofonemas, símbolos representativos de uma classe de fonemas que alternam, condicionados pelo ambiente, no paradigma verbal. Temos que escolher uma forma-base: será aquela cuja ocorrência não fôr obrigada por uma restrição do sistema fonológico, como ensina Hockett: "the base form in automatic alternation is the alternant which appears in those environments in which the phonemic habits of the language do not force the choice."

(cf. 1960, 287). Assim, entre os alternantes do Futuro do Subjuntivo, tomamos como base o /r/, pois êle ocorre num ambiente em que poderia também ocorrer o /h/, ou seja, diante de vogal. Temos |h| ocorrendo diante de vogal em "carro", por exemplo: /'kahu/. A ocorrência do /r/ nessa posição é livre, não exigida "pelos hábitos fonêmicos da língua", ou, como diria Martinet, dependeu de uma escolha. Já a ocorrência de |h| diante de consoante é condicionada, porque em Português (carioca) não ocorre /r/ diante de consoante. A mudança em |h| é automática. Também é automática a supressão do fonema em posição final de sílaba, no paradigma verbal: veja-se quer /'kɛ/.

Para distinguir a escrita morfofonêmica da fonêmica, usaremos o sinal | |. É claro que os morfofonemas estabelecidos, foram-no com base no paradigma verbal: correspondem a alternâncias fonològicamente condicionadas de morfemas verbais. Foi pela observação dos paradigmas que os estabelecemos. É possível que algum não se aplique a outras classes de palavras.

1. Segue-se a lista dos morfofonemas, com a especificação dos fonemas que substituem, e a descrição dos ambientes em que ocorrem.

1.1. Consoantes.

|r| representado por

/r/ diante de vogal (dentro da palavra):

|a'marin|	/a'marẽy/	amarem
|kɛ'remuz|	/ke'rẽmuš/	queremos

/h/ diante de consoante (dentro da palavra):

|a'marmuz|	/a'mahmuš/	amarmos
|kɛ'rermuz|	/ke'rehmuš/	querermos

No final de palavras, |r| é representado por zero:[2]

|'amar|	/a'ma/	amar
|'kɛr|	/'kɛ/	quer

"Deve ter /'te/ um jeito, assim, d'a gente trabalhar /traba'lya/." I 111.

"Um quer /'kɛ/ viajar /via'ža/, para ver /'ve/ que que resolve..." (av.).

"... a gente quando não quer /'kɛ/que os outros sai_ bam..." VII 5.

|z| representado por[3]:

/z/ diante de vogal:

|ki'zɛmuz|	/ki'zẽmuš/	quisemos
|fi'zɛmuz|	/fi'zẽmuš/	fizemos

/š/ diante de silêncio ou consoante surda: (v. exs. adiante):

|'kiz|	/'kiš/	quis
|'fiz|	/'fiš/	fiz

/ž/ diante de consoante sonora (v. exs. adiante).

No final do morfema |-muz|, zero varia livremente com qual_

quer dos fonemas (apenas não foi documentado diante de silêncio):

"Nós não temos /'tẽmu/, se temos /'tẽmuž/ não vemos /'vẽmuz/ assim com muita freqüência..." V 21.

"Nós não podemos /po'dẽmu/ cortar /koh'ta/ o cabelo." III 26.

"... então juntamos /žũ'tãmuž/, dividimos /divi'dĩmuz/ entre os três, emprestamos um /ĩpreš'tãmũ/ pouquinho..." IV 136.

"... chegamos /še'gãmu/ no Diretório..." I 185.

"... mais do que isso nós não podemos /po'dẽmuš/". IV 105.

|-n| indica a nasalização da vogal precedente, oral em outras ocorrências, além de variações fonêmicas que se resumem no seguinte:

1) |a| seguido de |n|

a) tônico, indica /ãw/:

|'dan|	/'dãw/	dão
|'van|	/'vãw/	vão

b) átono, indica variação livre entre /ãw/,/ũ/,/u/:

|kõ'praran|	/kõ'prarãw/	/kõ'prarũ/	/kõ'praru/	compraram
|'ligan|	/'ligãw/	/'ligũ/	/'ligu/	ligam

"Êles apelam /a'pɛlãw/ prá qualquer fôrça..." I 218.

"Êles apelam /a'pɛlu/ prá ignorância, mesmo." I 210.

"Então, êsses voltam /'vɔwtũ/ para o Rio." III 117.

2) |e| ou |i| seguido de |n| indica variação livre entre /ẽy/, /ĩ/, /i/:[4]

|'amen|	/'ãmẽy/	/'ãmĩ/	/'ãmi/	amem
|'vẽden|	/'vẽdẽy/	/'vẽdĩ/	/'vẽdi/	vendem
|'partin|	/'pahtẽy/	/'pahtĩ/	/'pahti/	partem

"... fazem /'fazẽy/ qualquer coisa." I 211.
"Todos devem /'dɛvĩ/ sair." III 164.
"Êles sabem /'sabi/ que a gente é môça..." I 210.

Em verbos de tema terminado em vogal nasal, não se encontrou a ocorrência de /ẽy/, mas variação livre de /ĩ/ com /y/:

|'tẽen|	/'tẽĩ/	/'tẽy/	têm
|'põen|	/'põĩ/	/'põy/	põem
|'vẽen|	/'vẽĩ/	/'vẽy/	vêm

"Homens que têm /tẽĩ/ nove, dez filhos..." III 126.
"São pessoas que têm /'tẽy/ mais sensibilidade..." VII 12.

1.2. Vogais. As alternâncias de fonemas vocálicos se devem, em sua maioria, à influência do acento em sua distribuição: em posição final o quadro de fonemas é bem reduzido e em posição átona raramente ocorrem as vogais médias abertas (que também não existem nasalizadas). Além disso, as vogais pré-tônicas médias tendem a harmonizar-se com a vogal tônica alta.

Além, portanto, da flutuação de fonemas ocasionada pelas próprias restrições na sua distribuição, há a flutuação decorrente do fenômeno que se tem chamado "harmonia vocálica". Êsse fenômeno já foi mencionado por Mattoso Câmara:" ... mas a persistência do /e/ em vez do /i/, ou do /o/ em vez do /u/, é determinada pela natureza da vogal tônica com que a vogal átona tende a se harmonizar em abrimento bucal. Tal fenômeno já foi ressaltado por Sousa da Silveira, que o exemplifica na conjugação de verbos como dever, esquecer, remeter: /divi'/, /divi'a/, /divi'amus/ ao lado de /dever'/, /deve'mus/, deva'mus/; e até /rème'ti/, isto é - remete, com /è/ átono inicial aberto por causa do /è/ tônico aberto, ao lado de /reme'tu/ com o /e/ átono fechado em harmonia com o /e/ tônico fechado (LXV 355)" (1953, 78-9).

Essa flutuação não chega a anular o contraste entre vogais médias e altas em posição átona não final, pois encontramos contrastes como pecar-picar, dever-viver, mas reduz bastante a ocorrência das vogais médias em favor das vogais altas.[5] E deve-se notar que, em todos êstes casos, há variação livre entre os fonemas, embora ocorra mais freqüentemente a vogal fechada.

Em razão dessas diversas flutuações é que teremos de estabelecer vários morfofonemas vocálicos.

|ɛ| representado por:

/ɛ/ tônico, diante de consoante não nasal:

|'dɛve|	/'dɛvi/	deve[6]
|'lɛva|	/'lɛva/	leva

|'sɛge|	/'sɛgi/	segue
|fi'zɛran|	/fi'zɛrãw/	fizeram[7]
|'ɛha|	/'ɛha/	erra

/ɛy/ tônico, diante de vogal[8]:

|i'dɛo|	/i'dɛyu/	idéio
|i'dɛa|	/i'dɛya/	idéia

/e/ pré-tônico, a vogal tônica não sendo vogal alta:

|dɛ'vemuz|	/de'vẽmus/	devemos
|lɛ'vamuz|	/le'vãmus/	levamos
|idɛ'amuz|	/ide'ãmus/	ıdeamos

/ẽ/ tônico, diante de consoante nasal:

|fi'zɛmuz|	/fi'zẽmus/	fizemos[9]
|pu'dɛmuz|	/pu'dẽmus/	pudemos

/i/ pré-tônico, a vogal tônica sendo vogal alta; ou átona final:

|dɛ'vi|	/di'vi/	devi
|sɛ'gimuz|	/si'gĩmus/	seguimos
|'pudɛ|	/'pudi/	pude
|'trosɛ|	/'trosi/	trouxe

|ɔ| representado por:

/ɔ/ tônico, diante de consoante não-nasal:

|'sɔfre|	/'sɔfri/	sofre

|'dɔrmi| /'dɔhmi/ dorme

|'mɔe| /'mɔy/ mói

|diztrɔi| /'diš'trɔy/ destrói

/o/ pré-tônico, a vogal tônica não sendo vogal alta:

|sɔ'fremuz| /so'frẽmus/ sofremos

/u/ pré-tônico, a vogal tônica sendo vogal alta; ou a sílaba tônica sendo uma vogal:

|dɔr'mi| /duh'mi/ durmi

|sɔ'fri| /su'fri/ sofri

|diztro'imuz| /dištru'ĩmuš/ destruímos

|mɔ'emuz| /mu'ẽmuš/ moemos

|e| representado por:

/e/ tônico, diante de consoante não nasal; átono, diante de consoante nasal:

|mɔ'ermuz| /mu'ehmus/ moermos

|vẽ'dermuz| /vẽ'dehmuš/ vendermos

|že'mew| /že'mew/ gemeu

/ẽ/ tônico, diante de consoante nasal:

|a'memuz| /a'mẽmuš/ amemos[10]

|vẽ'demuz| /vẽ'dẽmuš/ vendemos

|mɔ'emuz| /mu'ẽmus/ moemos

|'žeme| /'žẽmi/ geme

/ey/ tônica, diante de vogal:

|pa'seo|	/pa'seyu/	passeio
|pa'see|	/pa'seyi/	passeie
|o'dea|	/o'deya/	odeia

/i/ átono, não antecedido de vogal na mesma sílaba:

|'vẽde|	/'vẽdi/	vende
|'ame|	/'ãmi/	ame
|pase'amuz|	/pasi'ãmuš/	passeamos
|ode'amuz|	/odi'ãmuš/	odiamos

/y/ átono final, precedida de vogal na mesma sílaba:

|'mɔe|	/'mɔy/	mói
|'dɔe|	/'dɔy/	dói

|o| representado por:

/o/ tônico, não seguido de vogal, nem consoante nasal:

|'trose|	/'trosi/	trouxe
|'vo|	/'vo/	vou

/õ/ tônico, diante de nasal:

|'kome|	/'kõmi/	come

/ow/ tônico, diante de vogal:

|'voa|	/'vowa/	voa

|'koa|	/'kowa/	coa
|'voe|	/'vowi/	voe

/u/ átono:

|tro'sɛran|	/tru'sɛrãw/	trouxeram
|vo'ava|	/vu'ava/	voava
|ko'ava|	/ku'ava/	coava
|'lavo|	/'lavu/	lavo
|ko'memuz|	/ku'mẽmuz/	comemos

|ẽ| representado por:

/ẽ/ tônico e pré-tônico (não inicial de palavras), a vogal tônica não sendo vogal alta:

|'vẽde|	/'vẽdi/	vende
|vẽ'demuz|	/vẽ'dẽmuš/	vendemos
|'mẽti|	/'mẽti/	mente
|'ẽtro|	/'ẽtru/	entro

/ĩ/ átono, em início de palavra; e pré-tônico, a tônica sendo vogal alta:

|vẽ'di|	/vĩ'di/	vendi
|mẽ'ti|	/mĩ'ti/	menti
|ẽ'trava|	/ĩ'trava/	entrava

|õ| representado por:

/õ/ tônico e pré-tônico, a vogal tônica não sendo vogal alta:[11]

|iz'kõdo| /iš'kõdu/ escondo

|izkõ'demuz| /iškõ'dẽmuš/ escondemos

/ũ/ pré-tônico, a vogal tônica sendo vogal alta:

|izkõ'di| /iškũ'di/ escondi

|i| representado por:

/i/ tônico, não diante de vogal nem de consoante nasal; átono final, não antecedido de vogal; pré-tônico, diante de vogal:

|par'tiya| /pah'tiya/ partia

|'parti| /'pahti/ parte

|gi'amuz| /gi'ãmuš/ guiamos

/ĩ/ tônico, diante de nasal:

|par'timuz| /pah'tĩmuš/ partimos

|sa'imuz| /sa'ĩmuš/ saímos

/y/ átono, final, antecedido de vogal:

|sai| /say/ sai

|u| representado por:

/u/ em tôdas as posições, exceto tônico, diante de vogal:

|ĩztru'imuz| /ĩstru'ĩmuš/ instruímos

/uw/ tônico, diante de vogal:

|ĩz'truo|	/ĩš'truwu/	instruo
|ĩz'trua|	/ĩš'truwa/	instrua

|ow| representado por:

/ow/ tônico:

|'owso|	/'owsu/	ouço
|'owve|	/'owvi/	ouve

/o/ tônico, em variação livre com |ow|; e átono:[12]

|'owso|	/'owsu/	/'osu/	ouço
|'owve|	/'owvi/	/'ovi/	ouve
|ow'vimuz|	/ow'vĩmuš/	/o'vĩmuš/	ouvimos

|a| representado por:

/a/ em sílaba tônica, não seguido de consoante nasal, e em sílaba átona:

|la'vava|	/la'vava/	lavava
|a'mava|	/a'mava/	amava

/ã/ em sílaba tônica, seguida de consoante nasal:

|la'vamuz|	/la'vãmuš/	lavamos
|'ama|	/'ãma/	ama

2. Há algumas alternâncias no verbo que não são gerais, verificam-se apenas em determinadas circunstâncias:

2.1. |n| em final de sílaba seguido de |d|, indica a nasalização da vogal precedente e variação livre entre /d/ e /n/:

|a'mandu|	/a'mãdu/	/a'mãnu/	amando
|vẽ'dendu|	/vẽ'dẽdu/	/vẽ'dẽnu/	vendendo
|par'tindu|	/pah'tĩdu/	/pah'tĩnu/	partindo

"E êle dizendo /'dizẽdu/ que tinha que ser..." VI 8.

"Está pensando /pẽsãnu/ que eu estou brincando /brikãdu/." VI 12.

2.2. A vogal temática não ocorre, diante de silêncio:

1. antecedida de |z|:

a) nos verbos da 3ª conjugação, em que |z| é precedido de |u|:

conduzir:	|kõ'duz|	conduz
traduzir:	|tra'duz|	traduz

b) nos verbos da 2ª conjugação, em que |z| é precedido de |a| ou |i|:

fazer	|'faz|	faz
	|'fez|	fêz
	|'fiz|	fiz
trazer	|'traz|	traz
jazer	|'žaz|	jaz
comprazer	|kõ'praz|	compraz
dizer	|'diz|	diz

2. antecedida de |r|, nos verbos da 2ª conjugação:

querer	|'kɛr|	quer

requerer	|he'kɛr|	requer

A vogal temática ocorre depois de |z| nos verbos cozer e benzer (2ª conjugação): /'kɔzi/ cose; /'bẽzi/ benze. Não encontramos verbo da 3ª conjugação em que |z| fôsse precedido de outra vogal senão |u|, o que equivale a dizer que não se acha verbo da 3ª conjugação com tema terminado em |z| que tenha vogal temática seguida de silêncio.

2.3. Acento. O acento, nos verbos, ocorre, em geral, com a Vogal Temática (VT):

/a'mãmuš/	amamos
/a'marãw/	amaram
/a'mava/	amava
/a'masi/	amasse
/a'mahmuš/	amarmos
/a'mãdu/	amando
/a'madu/	amado

1. Quando a VT não ocorre ou fica em posição final de palavra, o acento ocorre na última vogal da raiz (isto é, na sílaba precedente à da VT):

/'fiz/	fiz	/'tivi/	tive
/'ãma/	ama	/'trosi/	trouxe
/'ãmãw/	amam	/'ãmu/	amo

A única exceção a êste caso é o Infinito, em que amar /a'ma/ é um exemplo de vogal temática acentuada em final de pa-

lavra. Os verbos irregulares não se excetuam a êste respeito, pois quando o acento ocorre na raiz (singular do Pretérito Perfeito), a VT está em posição final de palavra: /'tivi/ tive; /'tevi/ teve; /'disi/ disse.

2. Quando a VT ocorre em morfema cumulativo o acento aí ocorre:

/a'mey/	amei	/vĩ'di/	vendi
/a'mo/	amou	/pah'ti/	parti

No caso de /'ãma/, apresentado acima, também temos um morfema cumulativo, mas a forma da VT se conserva. Podemos dizer que, aí, é a VT que acumula outras significações, enquanto em /a'mey/ ela desaparece formalmente, realizando-se, embora, a distinção de conjugações (v. III 1.1.3.3.).

2.4. Encontro de vogais.

Na juntura entre tema e vogal temática verificam-se os seguintes fenômenos fonològicamente condicionados, quando a vogal do tema é anterior, como a vogal temática[14]:

1. Nunca ocorre seqüência de vogais idênticas (ee, ii):

/'lesi/	lesse	(cp.. vẽ'd-e-si)
/'hiya/	riam	(cp.. pah't-i-ya)

2. Sendo duas vogais diferentes no grau de abertura, a tônica permanece (é + i = é; e + í = í):

/'ve/	vê	(cp. 'vẽdi)

/'viya/ via (cp. vẽ'd-i-ya)

3. Quando uma das vogais é nasal, verifica-se, conforme a situação, o que se descreveu em 1) e 2), mas a nasalidade se conserva:

a) ẽ + ẽ : /'tẽdu/ tendo (cp. vẽ'd-ẽ-du)
e + ẽ : /'lẽdu/ lendo

b) ẽ + i : /'vĩdu/ vindo (cp. pah't-ĩ-du)
ẽ + i : /'vĩya/ vinha (cp. pah't-i-ya)
/'vĩdu/ vindo (cp. pah't-i-du)

A vogal do tema /põ-/ não desaparece diante de /i/, como em ter, vir, mas fecha-se para /ũ/ (v.1.2.):

/'pũya/ punha

N O T A S

1 - Para conceito de Morfofonêmica, v. Hockett, 1963, 230: "The differences in the phonemic shape of alternants of morphemes are organized and stated: this constitutes morphophonemics."

2 - Isto ocorre, de maneira geral, no verbo. Em outras palavras, foi documentada a ocorrência de /r/, diante de vogal:

"Vi "Amor e Desejo" /vi a'mor i de'zežu/ V 25

Na fala de uma informante foi documentada, também, esporàdicamente, a ocorrência de |r| em fim de palavra verbal (com, inclusive, variação livre entre /r/ e /h/ diante de palavra iniciada por vogal).

3 - A escolha de /z/ como forma-base obedece aos mesmos motivos da do |r|: diante de vogal poderia ocorrer qualquer um dos fonemas, mas, diante de consoante, /z/ não ocorre (no Português do RJ.): sendo ela surda, só encontramos /s̃/ e sendo sonora, sòmente /z̃/. A troca é automática, portanto.

4 - Estas variações podem-se verificar também fora do verbo: ontem /'õtẽy/ /'õti/; homem /'õmẽy/ /'õmi/.

5 - Cf. Mattoso Câmara, 1953, 79.

6 - Tomamos como tema-base para os verbos regulares a 3ª pessoa do Presente do Indicativo, porque, sendo tônica, não é condicionada fonològicamente e, também, porque, em todos os verbos, podem-se explicar as diversas variações fonològicamente condicionadas do tema, a partir dela. A P1 do Presente do Indicativo freqüentemente diferencia-se das outras

formas verbais, não só por alternâncias vocálicas como consonânticas (v. o capítulo seguinte).

7 - Tomamos como forma-base do alomorfe de tema que, nos verbos irregulares, é privativo de Pretérito Perfeito, Pretérito do Subjuntivo e Futuro do Subjuntivo, a forma da 1ª pessoa do Pretérito Perfeito, porque por ela se podem explicar fonolòˆgicamente as outras. Além disso, quando a vogal da raiz na 2ª pessoa difere da 1ª, difere também das outras formas:

fazer:	/'fiš/	/'feš/	/fi'zẽmuš/
ter:	/'tivi/	/'tevi/	/ti'vẽmuš/

8 - Colocamos esta seqüência e outras semelhantes (ey, iy) como sub-membro do morfofonema vocálico, porque:

1. não existe seqüência fonêmica de vogal tônica mais vogal, e portanto, automàticamente dizemos /'ɛya/ quando escrevemos /ɛa/, por exemplo. (Vejam-se os nomes próprios Lea, Dea, /'lɛya/, /'dɛya/).
2. existe seqüência de vogal átona mais tônica:

   /me'ada/ meada (VI 1)

   /ide'ãmuš/ ideamos

   - em oposição a seqüência de vogal átona mais semi-vogal mais vogal (VSV), por exemplo, em:

   /fre'yada/ freiada

   /le'yãmuš/ leiamos

   Se escrevêssemos |ɛy| não seria, portanto, automática a mudança em ideamos. O mesmo vale para as outras seqüências.

9 - A vogal temática - ɛ - dos verbos irregulares que aparece no Pretérito Perfeito, Futuro do Subjuntivo e Imperfeito do Subjuntivo, é escrita também na pessoa 3 do Pt. Perfeito, porque a ocorrência da vogal fechada, aí, pode ser explicada por condicionamento: neste dialeto não ocorre vogal média aberta diante de consoante nasal: fizemos /fi'zẽmuš/ |fi'zɛmuz|.

10 - Em sílaba tônica, diante de consoante nasal, nunca ocorre vogal oral, só nasal. Como em sílaba átona podem ocorrer as duas, consideramos que a nasalidade na tônica é condicionada e tomamos como base do morfofonema a vogal átona, cuja ocorrência não é automática. Isto acontece também com as outras vogais.

11 O verbo comer apresenta variação livre entre /õ/ e /ũ/ quando a tônica é vogal média: |ko'mɛmuz| /ko'mẽmuš/ /ku'mẽmuš/.

12 - Nunca se encontra */u'vĩmuš/, */u'vi/, ao contrário de soubemos, trouxemos, /su'bẽmuš/, /tru'sẽmuš/.

13 - Fora do verbo (no gerúndio), êste tipo de alternância foi observada apenas na palavra também: /tã'bẽy/ /tã'mẽy/.

14 - Esta formulação baseia-se no fato dêstes verbos apresentarem vogal na 1ª. pessoa do Presente do Indicativo, onde não ocorre, em geral, vogal temática. Esta vogal, portanto, é do tema ('leyu, 'vežu, etc.). Dos verbos terminados em vogal, apenas naqueles que terminam em V anterior falta a VT (cf. sair, instruir em que ela se conserva: saio, sai, etc.). A vogal temática só não ocorre naquelas formas verbais em que, nos verbos da 2ª. conjugação, ela seria /e/ e nos da

3ª., /i/. Seqüências de vogais iguais são raríssimas (como caatinga) e de vogal tônica mais vogal só existe quando a segunda é nasal, ocorrendo em variação livre com seqüência de vogal mais semi-vogal, que é mais freqüente. Ex: têm: /'tẽĩ/ (v. capítulo I, 4.1.2.; capítulo III, nota 11).

CAPÍTULO III

MORFOLOGIA

Uma forma verbal simples consta de um tema seguido de um sistema de sufixos flexionais.

Consideramos tema tudo que antecede o sistema de sufixos flexionais verbais. O limite entre êle e o sistema flexional é determinado pela vogal temática[1]. Compõe-se obrigatòriamente de um núcleo - a raiz verbal - que pode ser antecedida ou seguida de afixos (prefixos e sufixos facultativos):

$$V = + T + SF$$

$$T = \pm \text{ Pref.} + \text{Raiz} \pm \text{Suf.}$$

Preferimos considerar o tema em sua totalidade, porque o que importa no Sistema Verbal é, de um lado, o sistema flexional que se inicia com a vogal temática (VT) e, de outro, certas alternâncias que se verificam na raiz verbal, independentemente dos afixos que a ela se prendam.

Tomemos por exemplo uma raiz como |vo-|. Ligada aos sufixos flexionais |-a-va|, temos o Pretérito Imperfeito do verbo |voar|, |vo-ava|. Se acrescentarmos a essa raiz o sufixo derivativo |-eĽ|, formaremos um tema |voežˇ-|que, ligado aos mesmos sufixos flexionais |-ava|, formará o Pretérito Imperfeito do verbo voejar: |voežˇ-ava|. Vemos bem, por êste exemplo, como a separação se faz entre o tema e o sistema flexional através da VT (-a-, que marca o início do sistema flexional).

Um verbo cujo tema apresenta, antes da raiz, um prefixo, como reter, nada difere, em sua flexão, de outro, cujo tema é formado de raiz apenas, como ter:

tive - Pretérito Perfeito, 1ª. pessoa

retive - Pretérito Perfeito, 1ª. pessoa

Por isso, em nossa análise do sistema flexional, tomaremos como base os verbos com tema formado apenas da raiz, ficando prèviamente consignado que aquêles cujo tema apresenta também afixos flexionam-se da mesma forma.

Partiremos dos verbos cujo tema não apresenta alomorfes morfològicamente condicionados, para maior simplificação da análise.

Em seguida, analisaremos as classes de verbos que têm mais de um alomorfe e notaremos as particularidades que apresentam quanto ao sistema flexional.

1. O sistema flexional

Podem ocorrer, em seguida ao tema, até três sufixos: |a'm-a-va-muz|. Há formas em que só se distinguem dois: |a'm-a-va|, |a'm-e-muz|: outras, com um apenas: |'am-o|. As categorias verbais que se manifestam nas formas com três sufixos, ora se conservam nas formas com menor número de sufixos segmentáveis, ora se neutralizam.

É o que Nida indica, referindo-se particularmente ao Grego: "it is a particular characteristic of "inflectional" languages that single morphemes are tactically equivalent to a num-

ber of categories, which may be fully and overtly expressed in some forms but only partially in others" (cf. 1963, 269), e que Hockett denomina "port-manteau" exemplificando com o espanhol "amo" comparado com "amabamos" (cf. 1963,239).

Chamaremos aqui de morfemas cumulativos os morfemas que conservam, cobertas, distinções que, em formas verbais paralelas, são abertamente expressas, como o morfema |-o|, em |'amo|, que representa, simultâneamente, 1ª pessoa, Presente do Indicativo.[2]

Já em |a'mamuz| temos uma neutralização da oposição entre Pretérito Perfeito e Presente do Indicativo, oposição que se identifica em outras formas, como |'amo| e |a'mey| e tem, aí, representação zero, segundo o conceito de Lamb: "in zero representation a unit is represented by zero (i.e. by nothing) on the next lower stratum. This situation always involves neutralization, since zero also occurs as the representation of zero" (cf. Sidney Lamb, 1964, 65).

Na análise do sistema flexional, partimos das formas mais passíveis de segmentação para as mais complexas, seguindo o conselho de Hockett: "if in analizing the morphemics of a language we make a preliminary classification of canonical forms, based only on those morphes whose status is perpectly clear, this classification serve as a guide in handling the less obvious cases" (cf. 1963, 237).

No verbo Português se manifestam as categorias de tempo, modo, aspecto, pessoa e número, que serão discutidas no capítulo seguinte. Na análise do sistema flexional, partiremos da no

menclatura tradicional, para maior facilidade de exposição.[3]

Começamos a análise, portanto, com as formas mais suscetíveis de segmentação. Temos de distinguir, inicialmente, três grupos de paradigmas verbais:[4]

1) Paradigmas com distinção de três pessoas (três formas flexionadas):
   a) Pretérito Imperfeito (Pt. I.)
   b) Pretérito do Subjuntivo (Pt. S.)
   c) Futuro do Subjuntivo (F. S.)
   d) Presente do Subjuntivo (P. S.)
   e) Infinito (I.)
2) Paradigmas com distinção de quatro pessoas (quatro formas flexionadas):
   a) Presente do Indicativo (P. I.)
   b) Pretérito Perfeito (Pt. P.)
3) Paradigmas sem distinção de pessoa (uma forma flexionada):
   a) Gerúndio (G.)
   b) Particípio Passado (P. P.)

1.1. Paradigmas com distinção de três pessoas:

1.1.1. Considerando os seguintes paradigmas dos verbos amar, vender, partir no Pretérito e Futuro do Subjuntivo:

	Pretérito Subjuntivo		
P1/2	|a'masi|	|vẽ'desi|	|par'tisi|
P3	|a'masimuz|	|vẽ'desimuz|	|par'tisimuz|
P4	|a'masin|	|vẽ'desin|	|par'tisin|

	Futuro Subjuntivo		
P1/2	|a'mar|	|vẽ'der|	|par'tir|
P3	|a'marmuz|	|vẽ'dermuz|	|par'tirmuz|
P4	|a'marin|	|vẽ'derin|	|par'tirin|

- distinguimos, após o tema, as seguintes posições:

1) Posição da vogal temática - que marca o limite entre o tema e o sistema flexional e divide os verbos em três classes de conjugação:

I - verbos em |-a-|: amar
II - verbos em |-e-|: vender
III - verbos em |-i-|: partir

2) Posição de modo-tempo-aspecto (MTA) - que se manifesta, aí, por:

|-si-| Pretérito do Subjuntivo

|-r-| (-r- -ri) - Futuro do Subjuntivo (|-r| alterna morfológicamente com |-ri|, que só ocorre na P4).

3) Posição de pessoa-número (PN) - manifestada por:

|-muz-| P3

|-n-| P4

A ausência do sufixo PN indica qualquer pessoa no singular. Neutraliza-se a distinção entre P1 e P2, mas a ausência do morfema indica singular.[5]

O Infinito analisa-se exatamente como o Futuro do Subjuntivo, pois suas formas verbais, nos verbos regulares, são homófonas das do Futuro do Subjuntivo.[6]

1.1.2. Examinando, agora, à luz dessa fórmula, o Pretérito Imperfeito:

	Pretérito Imperfeito		
P1/2	|a'mava|	|vẽ'diya|	|par'tiya|
P3	|a'mavamuz|	|vẽ'diyamuz|	|par'tiyamuz|
P4	|a'mavan|	|vẽ'diyan|	|par'tiyan|

- distinguimos ainda três sufixos, sendo os mesmos para pessoa-número: quanto à VT, neutraliza-se o contraste entre a segunda e terceira conjugação, pois temos |-i-| para as duas; e para MTA, temos uma alternância morfológicamente condicionada entre |-va|-e|-ya-|: |-va-| ocorre com verbos da primeira conjugação, |-ya-| com verbos da 2ª e 3ª:

	VT	MTA
1ª	|-a-|	|-va|
2ª e 3ª	|-i-|	|-ya|

No Pretérito Imperfeito temos, portanto, uma oposição

entre a primeira conjugação e as outras duas que se faz através da VT e, redundantemente, pela alternância morfológica |-va-| e |-ya-|, cuja "seleção de formas concorre com um elemento de significação".[7]

1.1.3. Resta incluir nessa análise o Presente do Subjuntivo:

	Presente do Subjuntivo		
P1/2	|'ame|	|'vẽda|	|'parta|
P3	|a'mẽmuz|	|vẽ'damuz|	|par'tamuz|
P4	|'amen|	|vẽdan|	|'partan|

Encontramos, aí, nìtidamente segmentáveis, dois sufixos flexionais após o tema. O sufixo PN não oferece dificuldade à análise, mas o primeiro sufixo que ocorre após o tema é complexo.

Comparando as três colunas, vemos que êsse sufixo opõe a 1ª conjugação às outras duas, pois |-e-| é privativo de verbos da classe de amar e |-a-| dos verbos como vender e partir. Exerce, portanto, a função da VT cumulativamente:

1ª conj.: |-e-|
2ª e 3ª.: |-a-|

Mas, por outro lado, se comparamos, por exemplo, |a'memuz| com |a'masimuz|, verificamos que o primeiro sufixo de |a'memuz| acumula também a distinção da MTA, que em |a'masimuz| é representada por |-si-|. O sufixo |-e-| (como o sufixo |-a-| de |vẽ'damuz|) é, portanto, um morfema cumulativo: acumula fun-

ções distintivas que, em outros paradigmas, são representadas por dois morfemas.

Esta representação de MTA fica mais evidente opondo-se |a'mamuz|a |a'memuz|, em que a substituição de |-a-| por |-e-| importa na mudança de significado de Presente do Indicativo para Presente do Subjuntivo.

Temos, assim, como morfema cumulativo de Subjuntivo Presente:

|-e-| 1ª conj.
|-a-| 2ª/3ª conj.

Neutraliza-se a oposição entre a 2ª e 3ª conjugação.

O quadro 6 resume os morfemas de MTA e VT até aqui depreendidos:

Paradigma	Conjugação	VT	MTA
Pt. S.	1ª	|-a-|	|-si-|
	2ª	|-e-|	
	3ª	|-i-|	
F. S.	1ª	|-a-|	|-r-|
	2ª	|-e-|	
	3ª	|-i-|	
Pt. I.	1ª	|-a-|	|-va-|
	≠ 1ª	|-i-|	|-ya-|
P. S.	1ª	|-e-|	
	≠ 1ª	|-a-|	

QUADRO 6 - MORFEMAS VT-MTA

1.2. Paradigmas com distinção de quatro pessoas:

	Presente do Indicativo		
P1	|'amo|	|'vẽdo|	|'parto|
P2	|'ama|	|'vẽde|	|'parti|
P3	|a'mamuz|	|vẽ'demuz|	|par'timuz|
P4	|'aman|	|'vẽden|	|'partin|

	Pretérito Perfeito		
P1	|a'mey|	|vẽ'di|	|par'ti|
P2	|a'mo|	|vẽ'dew|	|par'tiw|
P3	|a'mamuz|	|vẽ'demuz|	|par'timuz|
P4	|a'maran|	|vẽ'deran|	|par'tiran|

Na análise destas formas encontramos:

1) Morfemas de pessoa-número e vogal temática segmentáveis, como nos paradigmas anteriormente analisados:

PN: |-muz| P3: |a'm-a-muz|
|-n| P4: |'am-a-n|

VT: |-a-| 1ª conjugação: |a'm-a-muz|
|-e-| 2ª conjugação: |vẽ'd-e-muz|
|-i-| 3ª conjugação: |par't-i-muz|

2) Neutralização:

a) da oposição entre as três conjugações na P1 do Pre

sente do Indicativo:

|'amo| |'vẽdo| |'parto|

b) da oposição entre a 2ª. e a 3ª. conjugações na P1 do Pretérito Perfeito:

|vẽ'di| |par'ti|

c) da oposição entre Presente do Indicativo e Pretérito Perfeito na P3:

|a'mamuz| |vẽ'demuz| |par'timuz|

3) Distinções várias feitas por morfemas cumulativos que indicam, ao mesmo tempo:

a) MTA + PN:

|-o| Presente do Indicativo, P1;

|-w| Pretérito Perfeito e P2; que tem também uma significação sub-morfêmica de distinção de conjugação, pois é privativo da 2ª. e 3ª.;

|-ran| Pretérito Perfeito, P4;

b) VT + MTA (+PN):

|-a|, |-e|, |-i| - conjugação (1ª., 2ª. e 3ª.) e Presente do Indicativo; diante de silêncio, P2.[8]

|-ey| -1ª. conjugação, Pretérito Perfeito, P1;

|-ó| -1ª conjugação, Pretérito Perfeito, P2;

|-í| -2ª e 3ª conjugação, Pretérito Perfeito, P1;

Consideramos que a VT, no Presente do Indicativo, indica também MTA, porque existe a oposição entre êste paradigma e todos os outros. Não se pode analisar como um zero morfêmico , neste caso, porque o sufixo MTA também não pode ser segmentado no Pretérito Perfeito, que, no entanto, se opõe (com exceção de P3) ao Presente do Indicativo. A interpretação como morfema cumulativo se impõe.

Com esta interpretação, a neutralização entre Presente e Perfeito, na P3 (a'mamuz, vẽ'demuz, par'timuz), é atribuída ao Pretérito Perfeito, P3. A ausência, no Pretérito Perfeito, é significativa, porque, embora haja neutralização entre Pretérito Perfeito e Presente do Indicativo, não há em relação ao resto do sistema (v. nota 5). A neutralização entre êstes dois paradigmas, de resto, não existe nos verbos irregulares, onde a distinção se faz através de alternâncias temáticas, como veremos adiante.

Os quadros 7 e 8 resumem todos os morfemas VT e MTA descritos. O quadro 9 resume os morfemas PN.

	Presente do Indicativo			
Conjugação	P1	P2	P3	P4
1ª	|-o|	|-a|	|-a-|	|-a-|
2ª	|-o|	|-e|	|-e-|	|-e-|
3ª	|-o|	|-i|	|-i-|	|-i-|

QUADRO 7 - MORFEMAS VT-MTA

	Pretérito Perfeito			
Conjugação	P1	P2	P3	P4
1ª	|-éy|	|-ó|		|-ran|
2ª	|-í|	|-w|		|-ran|
3ª	|-í|	|-w|		|-ran|

QUADRO 8 - MORFEMAS MTA-PN

	Pt. P.	P.I.	Pt.S. F.S. Pt.I. P.S. I.
P1	|-ey| |-í|	|-o|	
P2	|-ó| |-w|	|-a| |-e| |-i|	
P3	|-muz|	|-muz|	|-muz|
P4	|-ran|	|-n|	|-n|

QUADRO 9 - MORFEMAS PN (nos diversos paradigmas)

1.3. Paradigmas sem distinção de pessoa. Examinando as formas seguintes:

G.	|a'mandu|	|vẽ'dendu|	|par'tindu|
PP.	|a'madu|	|vẽ'didu|	|par'tidu|

- encontramos, depois do tema, VT a,e,i, no Gerúndio; no P.P. há, novamente, neutralização entre a 2ª e a 3ª conjugação.

Em seguida à VT, separamos, sem dificuldade:

|-ndu|	morfema de Gerúndio
|-d-|	morfema de Particípio Passado.[9]

O alomorfe |-d-| alterna, morfolòǵicamente, com |-t-|, que ocorre em número reduzido de verbos:

a) irregulares:

fazer:	|'feytu|
pôr:	|'poztu|
ver:	|'viztu|
dizer:	|'ditu|

b) regulares:

cobrir:	|kɔ'bɛhtu|
abrir:	|a'bɛhtu|
escrever:	|iz'kritu|

2. Alternâncias de tema. Ao lado do sistema flexional verbal, verificam-se, no cojunto do verbo português, certas alternâncias de tema (que correspondem, também, por vêzes, a oposi-

ção significativa) condicionadas morfològicamente, que distribuem os paradigmas verbais em grupos morfológicos:

a) Grupo formado de P1 do Presente do Indicativo e todo o Presente do Subjuntivo - que chamaremos, para facilidade de exposição, de Grupo do Presente.

b) Grupo formado do Pretérito Perfeito, Pretérito do Subjuntivo e Futuro do Subjuntivo - que chamaremos de Grupo do Perfeito.

c) Grupo formado pelos restantes paradigmas verbais: Pretérito Imperfeito, Infinito, Gerúndio, tôdas as outras formas do Presente do Indicativo e Particípio Passado - que chamaremos de Grupo do Imperfeito.

As alternâncias temáticas obedecem, assim, a uma regularidade distribucional que quase não admite exceção. Podemos dizer que, com poucas exceções, todos os verbos apresentam identidade de tema no Grupo do Presente, englobando, nesta afirmação, os verbos que não apresentam alternância de tema e os que a apresentam. O mesmo se pode dizer do Grupo do Perfeito e do Grupo do Imperfeito.

As exceções, no Grupo do Presente, são os verbos que apresentam uma forma inteiramente distinta do resto dos paradigmas verbais na P1 do Presente do Indicativo (saber, haver) ou idêntica às outras formas do Presente do Indicativo (querer, estar, ser). No Grupo do Perfeito, a P2 do Pretérito Perfeito pode ter, esporàdicamente, tema diferente, como veremos adiante.

No Grupo do Imperfeito, o Particípio Passado, em alguns verbos, apresenta-se com alomorfe de tema irregular (v.1.3.).

Há verbos que não apresentam alternâncias temáticas, outros que a apresentam apenas para o Grupo do Presente: outros apresentam alomorfe de tema (diferente do Grupo do Imperfeito) para o Grupo do Presente e para o Grupo do Perfeito. Dos primeiros já tratamos, ao descrever o sistema flexional, na secção anterior. Trataremos, agora, das outras duas classes de verbo, dividindo-as em sub-classes, partindo das mais regulares para as mais irregulares.[10] Numa última classe colocamos os verbos que apresentam maior número de alomorfes, classificados como anômalos (v. quadro 10).

2.1. Verbos com alomorfe de tema especial para o Grupo do Presente.

Dividem-se em:

a) verbos com alternância regular, i.é., cujas alternâncias se estendem ao maior número de verbos:
   1 - verbos com alternância vocálica
   2 - verbos com alternância consonântica

b) verbos com alternância irregular, i.é., cujas alternâncias são particulares a um número reduzido de verbos. Todos têm alternância consonântica.

2.1.1. Verbos com alternância vocálica: todos os verbos da 2ª e 3ª conjugação, com vogal da raiz média aberta (vogal seguida de consoante no tema), têm um alomorfe de tema para o

Grupo do Presente (Pl do Presente do Indicativo e todo o Presente do Subjuntivo) com vogal mais fechada:

- média fechada para a 2ª conjugação
- alta fechada para a 3ª conjugação

2ª conjugação		3ª conjugação	
Alom. Geral	Gr. Pres.	Alom. Geral	Gr. Pres.
dever: |dɛv-|	|dev-|	seguir: |sɐg-|	|sig-|
sofrer: |sɔfr-|	|sofr-|	fugir: |fɔž-|	|fuž-|

Apresentam, portanto, o seguinte quadro de vogais:

Alom. Geral	Grupo do Presente	
2ª / 3ª	2ª	3ª
ɛ	e	i
ɔ	o	u

Vê-se, pelo quadro, que o grau de fechamento da vogal, no Grupo do Presente, é condicionado pela conjugação e corresponde, exatamente, à vogal temática:

2ª conj. - VT |-e-| (média fechada)
3ª conj. - VT |-i-| (alta fechada)

Esta correspondência se verifica também com a vogal nasal: se o verbo tem vogal nasal no alomorfe geral, na 2ª conju

gação não se verifica o fenômeno, pois não há fonema nasal médio aberto neste dialeto do Português. Na 3ª conjugação, porém, ocorre o alomorfe com vogal alta fechada:

	Alom. Geral	Gr. Pres.
vender:	|vẽd-|	|vẽd-|
sentir:	|sẽt-|	|sĩt-|

Não há exceção para esta alternância vocálica, senão nos verbos de alternância consonântica, que serão descritos adiante:

Deve-se acrescentar à regra descrita acima, portanto, que, sendo a vogal da raiz média nasal, o alomorfe mais fechado só se encontra na 3ª conjugação, uma vez que não há vogal mediana sal aberta, neste dialeto do Português.

2.1.2. Verbos com alternância consonântica.

a) regular: os verbos da 2ª e 3ª conjugação, cujo tema termina em vogal oral ou |l| - lateral alveolar - apresentam um alomorfe com extensão de uma semi-consoante |y| para o Grupo do Presente:[11]

	Alom. Geral	Gr. Pres.	P2	P1
ler	|le-|	|ley-|	|'le|	|'leyo|
sair	|sa-|	|say-|	|'sai|	|'sayo|
valer	|val-|	|valy-|	|'vale|	|'valyo|

b) irregular: os seguintes verbos apresentam, para o Grupo do Presente, um alomorfe cuja consoante final difere da do

alomorfe geral:

	Alom. Geral	Gr. Pres.	P2	P1
medir	|mɛd-|	|mɛs-|	|'mɛdi|	|mɛso|
pedir	|pɛd-|	|pɛs-|	|'pɛdi|	|'pɛso|
ouvir	|owv-|	|ows-|	|'owvi|	|'owso|
perder	|pɛrd-|	|perk-|[12]	|'pɛrde|	|'perko|

2.2. Verbos com alomorfe de tema especial para o Grupo do Perfeito: êstes verbos formam uma classe bem definida, pois apresentam (com exceção do verbo ver), uma vogal temática especial para o Grupo do Perfeito, |-ɛ-|, qualquer que seja a VT que ocorra nos outros grupos. Com exceção de dar, todos têm também alomorfe diferente para o Grupo do Presente, o que quer dizer que têm, no mínimo, três alomorfes de tema. São os seguintes (com exemplos da P4 Pt. P., para mostrar a unidade da VT):[13]

1 - trazer	|tro'sɛran|
2 - querer	|ki'zɛran|
3 - dizer=	|di'sɛran|
4 - caber	|ko'bɛran|
5 - saber	|so'bɛran|
6 - fazer	|fi'zɛran|
7 - poder	|pu'dɛran|
8 - pôr	|pu'zɛran|
9 - ter	|ti'vɛran|
10 - vir	|vi'ɛran|
11 - estar	|izti'vɛran|

12 - dar |'dɛran|

13 - haver |ow'vɛsi|[14]

14 - ver |'viran|

Dividem-se em duas subclasses, conforme tenham ou não distinção de quatro pessoas no Perfeito:

2.2.1. Verbos que distinguem três pessoas no Pretérito Perfeito:

a) com três alomorfes de tema, um para cada grupo:

	Gr. Pres.	Gr. Imp.	Gr. Perf.
caber	|kayb-|	|kab-|	|kob-|
trazer	|trag-|	|traz-|	|tros-|
dizer	|dig-|	|diz-|	|dis-|

O verbo dizer apresenta, ainda, alomorfe para Particípio Passado: di-tu.

b) com a P1 do Presente do Indicativo diferente do Presente do Subjuntivo:

	P1 PI	P. S.	Gr. Imp.	Gr. Perf.
saber	|'sey|	|sayb-|	|sab-|	|sob-|
haver	|'ey|	|až-|	|av-|	|owv-|
querer	|kɛr-|	|ker-|	|kɛr-|	|kiz-|

2.2.2. Verbos que distinguem quatro pessoas no Pretérito Perfeito:

a) com a P2 diferente, no tema, do resto do grupo:

	G. Pres.	G. Imp.	G. perf.	P2 Pt. Perf.
fazer	|fas-|	|faz-|	|fiz-|	|'fez|
poder	|pɔs-|	|pɔd-|	|pud-|	|'podɛ|
por	|põy-|	|pũ-|[15]	|puz-|	|'poz|
ter	|tẽy-|	|tĩ-|	|tiv-|	|'tevɛ|
estar	|iztež-|	|izt-(a)|	|iztiv-|	|iz'tevɛ|

b) com a P1 e P2 diferentes, no tema, do resto do Grupo:

	Gr. Pres.	Gr. Imp.	Gr. Perf.	P1	P2
dar	|d-(e)|	|d-(a)|	|d-(ɛ)|	|'dey|	|'dew|
vir	|vẽy|	|vẽ-|	|vi-(ɛ)|	|'vĩy|	|'veyu|[16]

O verbo ver apresenta morfema de P2 do Pretérito Perfeito como os verbos regulares: \|'vi-w\|.

2.2.3. Características dêstes verbos:

2.2.3.1. Alternâncias temáticas.

A) Em relação ao Grupo do Presente: Apenas três verbos, saber, haver e querer, não têm o mesmo alomorfe de tema para P1 do Presente do Indicativo e Presente do Subjuntivo. As variações do alomorfe de tema do Grupo do Presente se resumem no seguinte:

a) Consoante final diferente:

trazer	|trag-|
dizer	|dig-|
fazer	|fas-|
poder	|pɔs-|

b) Uma consoante palatal a mais:

- no fim do tema:

ter	|tẽy-|
pôr	|põy-|
vir	|vẽy-|
ver	|vež-|

Os verbos estar e haver têm consoante palatal no Presente do Subjuntivo: o primeiro, em vez de av- tem až-; o segundo, tem aumento de -ež: iztež-.

- no meio do tema (depois da vogal da raiz, diante de -b):

caber	|kayb-|
saber	|sayb-| (só para P. S.)

c) um verbo, apenas, tem a vogal do Presente do Subjuntivo diferente (fechada) da do Grupo do Imperfeito:

querer	|ker-|

d) o verbo dar apresenta o Grupo do Presente e do Imperfeito como a 1ª conjugação dos verbos regulares (a VT ligando-se à raiz consonântica):

	Pl
P. I.	|'do|
P. S.	|'de|
Pt. I.	|'dava|

B) Em relação ao Grupo do Perfeito:

a) Alternância vocálica - todos os verbos desta classe (com exceção de dizer) apresentam alternância vocálica, mas apenas os seguintes têm êste traço como única diferença entre os alomorfes:

	Gr. Imperf.	Gr. Perf.
saber	|sab-|	|sob-|
fazer	|faz-|	|fiz-|
poder	|pɔd-|	|pud-|
vir	|vẽ-|	|vi-|
dar	|d-(a)-|	|d-(ɛ)-|
ver	|ve-|	|vi-|
haver	|av-|	|owv-|

b) Alternância consonântica (além da vocálica):

trazer	|traz-|	|tros-|
querer	|kɛr-|	|kiz-|
dizer	|diz-|	|dis-|

c) Verbos com mais uma consoante no alomorfe do Grupo do Perfeito: são verbos monossilábicos, terminados em vogal (ou em que a V é inicial, átona, ce pode não ocorrer):

ter	|tẽ-|	|tiv-|
pôr	|põ-|	|puz-|
estar	|izt-|	|iztiv-|

A alternância vocálica que se observa em todos êstes alomorfes, entre o Grupo do Perfeito e as outras formas verbais , pode ser resumida no seguinte quadro:

Gr. Pr. e Gr. I.	Gr. Perf.
a	o i
ẽ i	i
õ	u

Nota-se aí, nìtidamente, convergência para o fechamento no Grupo do Perfeito: à vogal mais aberta /a/ corresponde uma vogal posterior fechada /o/, ou vogal anterior mais fechada, /i/; às vogais posteriores médias, corresponde a vogal posterior mais fechada,/u/: e às vogais anteriores, corresponde a mais fechada, /i/.

O verbo dar apresenta, para o Grupo do Perfeito, apenas uma mudança de vogal temática:

	Gr. Imp.	Gr. Perf.
dar	|d(a)-|	|d(ɛ)|

O verbo ver é o único que não apresenta VT -ɛ- para o Grupo do Perfeito.[17]

	Pt. P.	Pt. S.	F. S.
ver	|'vi-ran|	|'vi-si|	|'vi-r|

2.2.3.2. O sistema flexional. De maneira geral, êstes verbos

não diferem dos regulares no sistema flexional. Diferem, apenas, em relação à VT (|-ɛ-| ocorre em todo o Grupo do Perfeito - as variações que apresenta são tôdas morfofonêmicas) e nas pessoas 1 e 2 do Pretérito Perfeito.

Tomemos, como exemplo, o verbo saber:

	Pt. P.	Pt. S.	F. S.
P 1/2	|'sobɛ|	|so'bɛsi|	|so'bɛr|
P3	|so'bɛmuz|	|so'bɛsimuz|	|so'bɛrmuz|
P4	|so'bɛran|	|so'bɛsin|	|so'bɛrin|

Distinguimos, após o tema, a VT |-ɛ-|, que tem uma significação sub-morfêmica, pois está ligada ao Grupo do Perfeito. Em seguida, identificamos o morfema |-si|, do Pretérito do Subjuntivo, e |-r|, do Futuro do Subjuntivo; temos ainda |-ran| , P4 do Pretérito Perfeito. Vemos recorrerem os morfemas de PN: |-muz|, P3, e |-n|, P4.

Esta descrição se aplica, até êste ponto, a todos os verbos da classe. Peculiar a saber (como a querer, caber, trazer, dizer, saber e haver) é a neutralização entre P1 e P2 no Pretérito Perfeito, que coloca o Pretérito Perfeito no esquema de flexão dos paradigmas que distinguem apenas entre singular (qualquer pessoa), de um lado, e, de outro, P2 e P4. A ausência de morfema, aí, é significativa (v. nota 5).

2.2.3.3. Distinções feitas através do tema.

1) Os verbos saber e haver apresentam, no Presente do Indicativo, os seguintes morfemas cumulativos de tema,

MTA e PN:

|'sey| P1, Presente do Indicativo, verbo saber

|'ey| P1, Presente do Indicativo, verbo haver

|'a| P2, Presente do Indicativo, verbo haver

É impossível segmentar nestes casos. As distinções não se neutralizam, mas expressam-se através do tema.[18]

2) Todos os verbos desta classe apresentam o tema do Grupo do Perfeito acumulando distinções:

1. MTA - na P2 e P3 do Pretérito Perfeito e no Futuro do Subjuntivo. Comparando |so'bɐmuz| com |sa'bemuz|, |so'bɐr| com |sa'ber|, vemos que se distingue, através do tema, entre Pretérito Perfeito e Presente do Indicativo, de um lado, e, de outro, entre Futuro do Subjuntivo e Infinito.

2. MTA e PN - na P1 e P2 dos verbos que apresentam esta distinção, como:

	P1	P2
P. I.	|'faso|	|'faz|
Pt. I.	|'fiz|	|'fez|

Vemos, por êste exemplo, que a distinção entre, de um lado, Prétérito Perfeito e Presente do Indicativo (|'faz| oposto a |'fiz| e |'fez|) e, de outro, entre P1 e P2 do Pretérito Perfeito (|'fiz| e |'fez|), se realiza através do tema, que é im-

possível segmentar. Não se pode determinar qual segmento representa MTA, qual representa PN, qual o verbo fazer. É um caso nítido de morfema cumulativo:

|'faz| P2, Presente do Indicativo, verbo fazer
|'fiz| P1, Pretérito Perfeito, verbo fazer
|'fez| P2, Pretérito Perfeito, verbo fazer

Postulamos morfemas cumulativos, pela dificuldade e, mesmo, arbitrariedade de qualquer segmentação do tema, em todos os casos de distinção, no Pretérito Perfeito, entre P1 e P2:

	Pretérito Perfeito	
	P1	P2
fazer	|'fiz|	|'fez|
poder	|'pudɛ|	|'podɛ|
pôr	|'puz|	|'poz|
ter	|'tivɛ|	|'tevɛ|
estar	|'iz'tivɛ|	|iz'tevɛ|
dar	|'dey|	|'dew|
vir	|'vĩy|	|'veyu|

Em |'pudɛ|, |'podɛ|; |'tivɛ|, |'tevɛ|; |iz'tivɛ|, |iz'tevɛ|, segmentamos |-ɛ-|, a VT do Grupo do Perfeito, que não apresenta componente de PN (-ɛ- realiza-se fonêmicamente como /i/, pois em posição átona final de palavra não ocorre).

2.3. Verbos com vários alomorfes de tema.

Agrupamos nesta classe os verbos que apresentam vários a-

lomorfes de tema, freqüentemente sem guardar qualquer traço fo nológico comum entre êles: ser, ir. Na maioria das vêzes é qua se arbitrário segmentar, e, em alguns casos, impossível.

	P. I.	P. S.	Pt. Imp.	Gr. Perf.
ser	|'so-||s-|	|sež-|	|'ɛr-|	|'fo-|
ir	|'va-||v-|	|v-|	|'i-|	|'fo-|

2.3.1. Grupo do Perfeito. No Grupo do Perfeito êstes dois verbos apresentam tema inteiramente homófono.[19] Não apresentam a VT |-ɛ-| dos verbos da classe descrita anteriormente, e o tema |fo-| liga-se diretamente ao sistema flexional (sendo tônico, o tema foi tirado da P4, Pt. Perf. /'fo-ran/). Êstes verbos apresentam a alternância vocálica entre P1 e P2 do Pretérito Perfeito:

P1	|'fuy|
P2	|'foy|

Sendo impossível a segmentação, neste caso, por faltar correspondência paradigmática (y) e também pela identidade de comportamento com os verbos descritos em 2.2.3.3., consideramos morfemas cumulativos:

|'fuy|	P1, Pretérito Perfeito, verbo ser (ir)
|'foy|	P2, Pretérito Perfeito, verbo ser (ir)

Quanto ao mais, o Grupo do Perfeito dêstes verbos apresenta as mesmas características já descritas na secção anterior (v. 2.2.3.2.).

2.3.2. Grupo do Imperfeito - O Pretérito Imperfeito também apresenta o tema ligado diretamente ao sistema flexional, sem vogal temática.

Pretérito Imperfeito

|'ɛra|	|'iya|
|'ɛramuz|	|'iyamuz|
|'ɛran|	|'iyan|

Segmentamos, aí, os morfemas MTA e PN: |-ya| e |-a| (em variação fonolòǵicamente condicionada, pois é a única vez que ocorre o morfema de Pt. I. depois de consoante).

Gerúndio, Partícipio Passado e Infinito, no verbo ser, formam-se com tema igual ao do Presente, e, no verbo ir, com tema do Pretérito Imperfeito, podendo-se segmentar uma VT (como a da 2ª conjugação), |-e-|, no verbo ser:

	G.	P. P.	Inf.
ser	|'sendu|	|'sidu|	|'ser|
ir	|'indu|	|'idu|	|'ir|

2.3.3. Grupo do Presente - O Presente do Indicativo é que apresenta mais particularidades:

- Verbo ir: temos |va-| diante de morfema iniciado por consoante e |v-| diante de morfema vocálico (ou seja, V diante de consoante e C diante de vogal):

-	P. I.	P. S.
P1	|'v-o|	|'v-a|
P2	|'vay|	|'v-a|

P3	|'va-muz|	|'v-a-muz|
P4	|'va-n|	|'v-a-n|

-Verbo ser: temos, também, |so-| diante de morfema iniciado por consoante e |s-| diante de morfema vocálico (ou seja, V diante de consoante e C diante de vogal):

P1	|'so|	|'sež-a|
P2	|'ɛ|	|'sež-a|
P3	|'so-muz|	|'se'ž-a-muz|
P4	|'san|	|'sež-a-n|

A P2 e a P4 do Presente do Indicativo são morfemas cumulativos:

|'ɛ| P2, Presente do Indicativo, verbo ser

|'san| P4, Presente do Indicativo, verbo ser

A P2 do Presente do Indicativo do verbo ir apresenta um |y| que poderíamos considerar como variante fonológica da VT -i- (como na 3ª conjugação /'say/, /'kay/, etc.), mas, como não há, no paradigma, nada que sustente esta análise, preferimos não segmentar: |'vay| P2, Presente do Indicativo, ir.

O Presente do Subjuntivo apresenta, tanto no verbo ir como no verbo ser, o morfema |-a-| de MTA, em que não difere dos outros verbos já descritos.

Há uma neutralização entre Presente do Subjuntivo e Presente do Indicativo, nas P3 e P4 do verbo ir:

|'vamuz| e |'van|.

A segmentação nestes verbos, dissemos, é quase arbitrária na maioria dos casos, pois o tema, nêles, também concorre com elementos de significação verbal. Em |'ɛra|, por exemplo, atribuímos ao |-a-| a distinção de MTA, por comparação com o resto do sistema verbal, mas o tema, sendo privativo do Pretérito Imperfeito, concorre para realizar a distinção entre esta e as outras formas. O mesmo se pode dizer de |sež-|, de |fo-|, de |i-|, de |va-|. Mais uma vez, em nossa análise, relembramos o princípio 6 de Nida: "Morpheme alternants whose distribution is not phonologically definable exhibit submorphemic differences of meaning" (1963, 265; cf. nota 7).

O quadro 10 apresenta um resumo geral das alternâncias temáticas assinaladas nos verbos.

Classe			GR. do PRESENTE		GR. do IMPERFEITO		GR. do PERFEITO				Verbos
			P.S.	Pl P.I.	Pt.I.	P.I.	Alo.Ger.	Pl Pt.P.	P2 Pt.P.		
I			|am-|		|am-|		|am-|				amar
II	Vocálica		|dev-|		|dɛv-|		|dɛv-|				dever
	Cons.	Reg.	|say-|		|sa-|		|sa-|				sair
		Irreg.	|pɛs-|		|pɛd-|		|pɛd-|				pedir
III	3 pes. no Pt.P.	Pl P.I. =	|kayb-|		|kab-|		|kob-|				caber
		Pl P.I. ≠	|sayb-|	|'sey|	|sab-|		|sob-|				saber
	4 pes. no Pt.P.	Pl Pt.P. =	|pɔs-|		|pɔd-|		|pud-|		|pod-|		poder
		Pl Pt.P. ≠	|vẽy-|		|vẽ-|		|vi-|	|'vĩy|	|'veyu|		vir
IV			|sež-|	|s-|	|ɛr-|	|so-|	|fo-|	|'fuy|	|'foy|		ser
			|v-|		|i-|	|va-|	|fo-|	|'fuy|	|'foy|		ir

I– Verbos sem alternância.

II - Verbos com alternância para Grupo do Presente.

III - Verbos com alternância também para Grupo do Perfeito.

IV - Verbos com vários alomorfes.

N O T A S

1 - A vogal temática foi considerada parte do sistema flexional, pois ela acompanha os outros morfemas na flexão, enquanto o tema com seus afixos não faz parte do sistema flexional. Ela pode, inclusive, representar as categorias verbais, como morfema cumulativo, como veremos adiante.

2 - Veja-se interpretação de Nida para a forma verbal grega: "/luɔ/ 'I loose', the form /-ɔ/ covers a wide area of meaning: it identifies the tense, mode, number, person, and voice of the combined form." (1963, 269). Veja-se também sua interpretação dos morfemas do verbo espanhol em "Morphology" (1949), 130-136). Cf. também Carvalho, Herculano: "É conveniente recordar que uma mesma forma pode ocorrer a mais do que um morfema, desempenhando alternadamente várias funções (f. 4.5.5.) e que, além disso, no mesmo emprêgo, acumula geralmente várias significações gramaticais. A mesma forma -o tem valôres diferentes em faç-o e em ded-o, e em faç-o significa simultâneamente "verbo", presente do indicativo, 1ª pessoa do singular." (1960-1, 144).

3 - Como uma simples etiquêta, necessária para a compreensão. Não têm valor absoluto, êsses nomes, nem refletem acuradamente as oposições que se expressam no verbo. Simplificamos alguns, para maior economia da exposição: como só há um Pretérito Perfeito, um Pretérito do Subjuntivo, por exemplo, resolvemos omitir, no primeiro caso, "Indicativo", no segundo, "Imperfeito". Preferimos referir-nos às pessoas por número, pela mesma razão, facilidade de exposição, co-

mo também por razões estruturais (cf. IV, 1 e quadro 11).

4 - Consideramos paradigma o conjunto de formas verbais em que se expressam os contrastes entre as várias categorias flexionais (cf. Mário Pei: "a model, pattern, or example" - -1958, 158).

5 - A neutralização torna-se mais evidente, se comparamos êstes paradigmas com o Pretérito Perfeito e o Presente do Indicativo (v. 1.2.). A ausência do sufixo PN, porém, estruturalmente, é significativa, porque é o fato de não ocorrer o morfema que indica singular. É um caso semelhante ao que Nida considera um zero morfêmico, exemplificando com a 3ª pessoa dos verbos em Totonac: "Structurally this is a type of significant absence; it is not, however, an allomorphic zero, but, rather, a morphemic zero" (1949, 46). Pike considera o uso do zero como necessário, para quem usa a análise "item-and-arrangement", como preço pago às vantagens dêste tipo de análise (cf. 1960, 5ª). Nossa análise, embora não seja tagmêmica, aproxima-se da recomendada por Elson e Pickett: "If there is an overt manifestation of the tagmeme (...) then the significant lack of such overt form may be analyzed as a zero allotagma of the tagmeme."(cf. 1962, 138). Na verdade, consideramos a posição de pessoa ocupada por zero.

6 - Consideramos, para a Morfologia, apenas o Infinito flexionado. A neutralização que êle apresenta em relação ao sufixo PN é condicionada sintàticamente e será comentada no capítulo próximo. Consideramos os morfemas de Futuro de Sub-

juntivo e Infinito como morfemas homófonos, por terem sentido e distribuição sintática diferente. (Cf. Nida: "Homophonous forms possessing more than one distinct area of meaning and belonging to correspondingly different distributional classes consist of as many morphemes as there are parallel semantic and distributional classes." (1963, 266--7). Trataremos dêstes paradigmas mais detalhadamente no capítulo seguinte.

7 - No sentido de Bloomfield, "selection of forms contributes a factor of meaning" (1933, 145: cit. por Nida, 1963, 265).

8 - Êste caso difere dos paradigmas que distinguem apenas três pessoas (cf. nota 5), porque não há neutralização da distinção número-pessoa: |'amo| opõe-se a |'ama| por uma distinção de pessoa, e a troca da vogal, aí, é a única diferença formal (aberta) entre as duas formas verbais. Consideramos, então, em comparação com outros, |-a-| um morfema cumulativo que indica P2, Presente do Indicativo, 1ª conjugação, (como |e| e |i|).

9 - |-u| é um morfema separado, que indica gênero; como no verbo espanhol, segundo Nida: "The final -o in the past participles is a separate morpheme" (1949, 131). Não trataremos dos chamados "particípios duplos", usados apenas com a voz passiva, pois sua descrição deve ser feita com os adjetivos. Notamos apenas que há alguns poucos verbos que apresentam apenas êste adjetivo como particípio especial, entre êles ganhar e pegar:

"... o caminhão tinha pêgo o porco." VII 7.

"Depois dêle pensar que já tinha ganho a parada..." II 2.

10 - Cf. Hockett: "an alternation is regular if it is what occurs most frequently under stated conditions, any other alternation which occasionally occurs under the same conditions then being irregular. (...) Regularity is a matter of degree." (1960, 280).

11 - Não podemos considerar /y/ fonològ̀icamente condicionado , como consideramos em /pa'seyu/, pelas seguintes razões (v. III 1.2.):

a) /y/ ocorre também depois de vogal átona:

/le'yãmus/ leiamos (cf. /pasi'ãmus/ passeamos)

b) não ocorre na P4 do Presente do Indicativo embora diante de vogal: /'lẽĩ/ lêem (cf. /pa'seyẽy/ passeiem).

Seu condicionamento, aí, só pode ser explicado morfològ̀icamente.

12 - O verbo perder apresenta, também, a vogal da raiz fechada no Grupo do Presente.

13 - Tomamos como forma-base do Grupo do Perfeito a 1ª. pessoa, porque é aquela cujo condicionamento, nas formas átonas, é explicável; tomando o verbo fazer como exemplo, temos /'fiz/ e /fi'zẽmus/ com um alomorfe só. Se tomássemos como base a 2ª. pessoa, /'fez/, não poderíamos explicar /fi'zẽmus/, porque, sendo a vogal tônica do paradigma -e-, deveríamos ter /fe'zẽmus/, por harmonia vocálica, como temos /de'vẽmus/.

14 - Não há ocorrência de plural do Pretérito Perfeito no verbo haver. O verbo estar apresenta, também, um alomorfe de

tema sem a sílaba inicial: |ti'vemuz|, |'ta|, etc.

15 - O verbo pôr é o único desta classe que tem alomorfe para Pretérito Imperfeito (v. III, 2.4.).

16 - O verbo vir apresenta, no Infinito, |'vĩy| em vez de |'vi| (que se confundiria com o verbo ver): "Êle não vai vim " III, 167. Na Pl do Presente do Indicativo, apresenta |vi'emuz|, igual à Pl do Pretérito Perfeito.

17 - O verbo ver apresenta uma forma para o Futuro do Subjuntivo analógica ao Infinito, em variação livre com vir /'vi/: ver /'ve/: "Se você ver /'ve/ fulano, diz a êle que venha cá." (av.)

18 - Poderíamos analisar diferentemente, postulando vários zeros morfêmicos. Evitando os zeros, seguimos orientação de vários lingüistas, entre os quais Nida (cf. 1963, 262 ; 1949, 46), e também Pike: "A hierarchical item-and-field wiew, thus, may need to modifiy Bloomfield's Assumptions 5-8 (...) by leaving room in the segmentation for a few unsegmentable phonological units known to comprise simultaneous (port-manteau) phonemes, or morphemically unsegmentable units known to comprise simultaneous morpheme composites" (1960, 65a).

19 - Consideramos fô- verbo ser e fo- verbo ir homófonos, porque:

a) correspondem a sentido diferente;

b) correspondem a temas distintos, nas outras formas;

c) têm distribuição externa bastante diferente:

ir	ser
fui lá	fui estudioso
fui estudar	fui convidado
fui embora	fui presidente

É impossível usar um pelo outro. Cada um é substituível, em cada caso, pela forma respectiva dos outros paradigmas:

vou lá	sou estudioso
vou estudar	sou convidado
vou embora	sou presidente

(cf. Nida, 1963, 266 e 1949, 56).

CAPÍTULO IV

CATEGORIAS VERBAIS

No conjunto do sistema verbal distinguem-se as seguintes categorias: modo, tempo, aspecto, pessoa e número. Não temos um morfema distinto para cada uma destas categorias. Modo, tempo e aspecto manifestam-se num morfema que chamaremos MTA; pessoa e número em outro, PN.

Estas distinções não obedecem a um esquema rígido, com as oposições muito nítidas. Já disse Mattoso Câmara em 1956: "O princípio salutar de classificação é o de que uma forma lingüística tem necessàriamente várias aplicações lingüísticas. É certo que também é muito pouco aconselhável minimizar algumas delas em proveito de uma dada (...) Não é menos certo, porém, que há sempre uma significação básica a depreender, e outras dela decorrem, a rigor, por transferência ou metáfora." (1956, 12).

Partindo desta significação básica, mais geral e comum, tentaremos, aqui, esquematizar o sistema verbal de oposições categóricas, conforme se expressa na língua coloquial.[1] Como, porém, um morfema pode representar mais de uma categoria, serão freqüentes os casos de neutralização, em que uma ou outra categoria se anula.

Começaremos com as categorias de pessoa e número, que apresentam menos complexidade, e em seguida trataremos das dis-

tinções que se manifestam no morfema MTA.

1. Pessoa-Número

Temos um sistema em que as formas se opõem duas a duas: de um lado as que incluem a pessoa do falante, de outro as que a excluem; cada uma das duas ddiferencia-se da outra, por sua vez, conforme se refira a uma pessoa ou a mais de uma.[2] Considerando 1 como pessoa do falante, temos o seguinte quadro, em que as colunas verticais se diferenciam conforme incluam a pessoa do falante (+1) ou não (-1); e as horizontais, conforme haja referência a uma só pessoa (s) ou a mais de uma (p) (singular ou plural):

	+1	-1
s	P1	P2
p	P3	P4

QUADRO 11 - OPOSIÇÕES DE PESSOA-NÚMERO

1.1. Pessoa do falante incluída:

a) P1:

"Fui ao Rio, passei vinte e sete dias." V 6.

"... mesmo assim eu descansei bastante." V 7.

"... eu estudo, êle está estudando também ..." V 12.

"Eu mesma sustento meus estudos." IV 123.

b) P3:

"Nós fomos até Pôrto Alegre de avião..." 114.

"... juntamos dinheiro, emprestamos prá êle ..." IV 134.

"... se não ficar boa, nós gravamos outra." VI 26.

"... assim nós não damos conta, não é?" IV 101.

1.2. Pessoa do falante excluída:

a) P2:

"Você foi ao cinema?" V 19.

"Êle mudou a velocidade." V 19.

"Na outra gravação você aproveitou alguma coisa?" VI 3.

"Ninguém entende dêsse negócio..." VI 6.

"... e pediu que êle tomasse conta dela." IV 23.

b) P4:

"Eu fui pr'um lado, elas foram pr'o outro." I 192.

"Vocês viram o candomblé?" VII 10.

"... êles já não ligam moça que usa pintura." III 28.

"No fim, saíram sem nada, puseram tudo no lugar." VII 19.

"Se êles conseguissem consertar..." I 26.

Como se vê pelos exemplos, a segunda e a terceira pessoas do discurso são expressas, na língua coloquial, pela mesma forma verbal. É impossível, também, segmentar um morfema de plural distinto do de singular. Por isto, resolvemos adotar a numeração das pessoas de 1 a 4.

1.3. Neutralização

1.3.1. Há neutralização de pessoa:

1) nos paradigmas verbais que não apresentam distinção

de quatro pessoas:[3]

"Ninguém entendia o que êle queria dizer." II 13.

"Eu queria falar no passado, agora." I 160.

"Se eu fôsse ficar esperando pelo que iam-me dar, então eu não ia casar tão cedo, não é?" V 17.

"Tudo êle tinha que fazer ontem, porque se deixasse prá hoje, juntava o serviço de ontem..." III 24.

2) no caso do uso (freqüente) de "a gente":

"A gente tem treinamento fonético desde que entra na Universidade." V 19.

"A gente quando faz o trabalho escreve, a relatividade do trabalho." V 12.

"A gente pode dar um jeito..." (av.)

1.3.2. Há neutralização de número: quando o sujeito é indeterminado, P4 não se refere necessàriamente a mais de uma pessoa:

"No aeroporto deram aquêle disco prá êle guardar." IV 19.

2. Modo

A oposição modal verifica-se entre formas que se referem a fatos dados como reais e formas que indicam a irrealidade do fato, ou seja, uma oposição entre Indicativo e Subjuntivo.[4]

Esta oposição não é muito nítida, nem rígida, porque as formas com sentido subjuntivo ocorrem quase exclusivamente em orações subordinadas, simultâneas com determinadas expressões

com que não ocorre o Indicativo, numa distribuição parcialmente complementar.

Por êste motivo é que alguns analistas preferiram considerar primordial êste aspecto sintático, como Epiphanio Dias: "O Indicativo emprega-se em tôdas as orações para as quais não há regra que exija outro modo." (1954, 183)[5].

O mesmo considera Mattoso Câmara: "Já hoje entre nós, a noção que ainda contêm as formas subjuntivas é difusa e vaga, e só ganha certa consistência pelo seu contraste com as do modo Indicativo, que é o da asserção franca." (1959, 146). "Nas línguas românicas e em alemão, onde ainda subsiste mórfica e conceptualmente o Subjuntivo, nota-se a tendência a rebaixá-lo a um mero recurso de expressar a subordinação sintática. (...) É verdade que o seu caráter de enunciação dubitativa, ou pelo menos não francamente assertiva, continua complementarmente vigente." (1956, 17).

Said Ali, porém, considera os dois fatos, subordinação e irrealidade: "O modo Indicativo é usado nas orações principaes expositivas e interrogativas e nas subordinadas em que se considera como real a existência ou não existência de um facto(...) O modo conjuntivo é próprio das orações principaes optativas e das subordinadas em que se considera o facto incerto e duvidoso." (Gramática Secundária, 227).

Damos, a seguir, exemplos de situações em que se evidencia a oposição modal entre realidade e irrealidade, em orações independentes e dependentes. Alistamos, também, as situações em que só ocorrem formas de Subjuntivo. Por aí se vê que exis-

te a oposição modal em Português, embora haja muitos casos de distribuição complementar.[6]

2.1. Situações contrastivas: apresentamos, a seguir, exemplos de ocorrência do Subjuntivo (S) e do Indicativo (I), em orações de estrutura igual ou semelhante, evidenciando o contraste, uma vez que não é possível indicar condicionamento sintático algum.

2.1.1. Em orações independentes:

S. "Deus me livre!" I 175.

I. "Eu não me lembro!" (av,).

S. "Nenhum cientista me ouça!" (av.).

I. "Ninguém me liga!" (av.).

S. "Deus queira que isso aconteça!" (av.).

I. "Quero que você faça isso prá mim." (av.).

2.1.2. Em orações dependentes:

S. "Aqui em Brasília tem edifício particular, que a pessoa possa alugar?" IV 89.

I. "Êles lá já não ligam moça que usa... pintura." III 28.

S. "Que horas que a gente vem, que ache, mesmo, a senhora?" (av.).

I. "... porque tem hora que você fala de um jeito, tem hora que fala de outro..." I 28.

S. "E. respondeu que desse o resto do nome." VII 14.

S. "Ele falou que a gente não grave coisa que os outros não possam ouvir." VIII 5.

I. "E F. disse que êle tava maluco." III 3.

S. "Desde que tenha verbo..." VIII 1.

I. "Êles falam de um jeito que até parece estrangeiro." (av.).

S. "Qualquer coisa que sair, serve." VII 1.

I. "Tudo que êle faz é bem feito." (av.).

S. "Mas quando começarem as aulas, eu tenho que estar cuidando." VI 6.

I. "Quando rebenta a fita, que êles emendam, a gente nem sente a diferença." VII 5.

S. "Pior se aquilo lá fechar, tá todo mundo na rua." III 121.

I. "Isso é bom se a pessoa não tem necessidade que a gravação seja clara e fiel." V 26.

I. "Se há dinheiro, por que não pagam?" (av.).

S. "Tôda vez que você precisar de alguma coisa, tem logo um choquezinho prá sair, não é?" VI 10.

I. "Imagina se tôda vez que eu telefono pr'o Rio, vou perguntar por todos, não é?" VII 15.

S. "Ah! Se eu pegasse essa gravação!" VII 4.

I. "Se eu pego êsse menino, êle vai ver só uma coisa!" (av.).

Há ainda outras situações em que sabemos haver oposição, mas não documentamos as duas formas:

S. "Ofereceu me levar onde eu quisesse." VIII 9.

I. (Ofereceu me levar onde eu queria).

S. "O problema é que ninguém sabe o que pode acontecer). II 1.

I. (O problema é que ninguém saiba o que pode acontecer).

S. "Qualquer pessoa que tome parte em qualquer coisa... está implicado." IV 194.

I. (Qualquer pessoa que toma parte em qualquer coisa... está implicado).

S. "... e tôda vez que a gente queria rir, era só ouvir aquilo." IV 27.

I. (... e tôda vez que a gente quisesse rir, era só ouvir aquilo).

S. "Quando êle começava a falar, ninguém prestava atenção." II 13.

I. (Quando êle começasse a falar, ninguém prestava atenção).

S. "Outros que não soubessem, não tinham percebido." VII 14.

I. (Outros que não sabiam, não tinham percebido).

S. "Quanto mais depressa acabar êsse negócio, melhor." I 143.

I. (Quanto mais depressa a gente acaba, melhor).

S. "Enquanto estiver reinando êsse desassossêgo aqui, êle não vem." IV 171.

I. (Enquanto está reinando êsse desassossêgo aqui, êle não vem).

2.2. Situações não contrastivas (em que só ocorre o subjuntivo):

2.2.1. Em orações independentes iniciadas por alguma expressão indicadora de desejo ou dúvida:

"Quem dera que eu pudesse ir também!" (av.).

"Tomara que chova!" (av.).

"F. talvez controle a situação." II 2.

"... sem eu saber, talvez saísse melhor." I 26.

2.2.2. Em orações dependentes, ocorrendo com expressões:

a) de sentido optativo (desejo):

"Deus queira que isso não degringole." (av.).

"Ela estava doida que acontecesse". VII 12.

"Pediu que êle tomasse conta dela." III 23.

b) com sentido de dúvida, incerteza:

"Não é possível que o tempo todo as pessoas fiquem..." I 45

"Tenho mêdo que êle não apareça." (av.)

"Pode ser que a Universidade não feche." III 198.

"Depois, podia ser que não desse certo." IV 98.

c) indicando condição ou hipótese:

"A não ser que fôsse se o gravador estivesse escondi do..." I 26.

"A não ser que a Novacap tenha alguma segurança, mas a essas alturas..." III 161.

"Nem que a gente fôsse às 7 horas, ficasse lá até mais tarde e viesse mais cedo." I 165.

"A gente tem que estudar, mesmo que não queira." I 47.

"Embora a necessidade que eu tenha seja de gravação espontânea..." V 2.

"Ouvir a voz é como se estivesse vendo a pessoa." I 123.

d) negativa:

"Não acredito[7] que êle venha, assim." III 170.

"Não teve uma vez que aquela eleição fôsse certa." I 215.

"Não tinha uma eleição que não fôsse fraudada." I 212.

e) impessoais, ou indefinidas:[8]

"Não faz mal que eu esteja falando." VI 5.

"Não tem problema que não saia, assim, bastante natu ral." V I.

"Era difícil conseguir quem fôsse, quem quisesse par ticipar." I 210.

f) com sentido de futuro:

"Vai ter gente que fique." AII, 17.

"Amanhã (...) eu tenho quem me dê." IV 125.

Podemos notar, em resumo, um contraste básico entre as formas do Subjuntivo, que indicam desejo, dúvida, hipótese, incerteza, ou simplesmente indefinição (que podemos resumir na significação geral de "irreal"), e as do Indicativo, que indicam o fato, simplesmente, sem conotação de irreal. Afirmamos que há essa distinção modal na morfologia do Verbo Português, com base na existência do contraste, tanto em orações independentes como dependentes. Haver complementação em outras situações não desmente êsse fato. Pelo contrário, se concordamos com Nida quando diz: "the meaning of any form is definable in terms of the feature or features common to the situations in which the form occurs" (1963, 264-5), concluímos que esta seleção de formas confirma o sentido do modo Subjuntivo, contrário ao do Indicativo.[9] Pois, na verdade, as expressões que ocorrem com o Subjuntivo têm tôdas, em comum, êste mesmo caráter de irrealidade: desejo, dúvida, hipótese, inderteza quanto ao futuro, ou negação.

Epiphanio Dias, ao tratar "oxalá" como um refôrço da expressão de desejo, em "oxalá que eu me enganasse", por exemplo, e exclamações, como "quem dera" e "tomara", uma maneira "emphatica" de exprimir um desejo, está, na verdade, considerando o sentido da forma verbal não condicionado às expressões com que ocorre (cf. 1954, 200).

3. Tempo.

A categoria de tempo "marca, como seu nome indica, o tempo, ou época, da ocorrência do processo verbal em relação ao momento em que se fala", segundo a definição de Mattoso Câmara

(1959, 166). Em Português não se pode definir rìgidamente a categoria de tempo conforme ela se expressa no verbo (se é que se pode fazê-lo em qualquer língua). Qualquer esquematização definitiva que se tenta, está sujeita a neutralizações.

A classificação tradicional em Presente, Pretérito e Futuro não satisfaz, por várias razões. Mattoso Câmara, já em 1956, afirmava: "Com efeito, a divisão temporal em têrmos de linguagem não é bàsicamente tripartida em presente, passado e futuro, como aparece à sistematização gramatical algo sofisticada das línguas ocidentais modernas. O que há primordialmente é uma dicotomia entre Presente e Passado. (...) (o presente) abarca espontâneamente o futuro certo, como tempo genérico, constante e permanente." (1956, 22).

3.1. Na verdade, não encontramos, entre as formas do Indicativo, uma para indicar o futuro, mas o próprio Presente indica o que está por acontecer (futuro próximo):[10]

"Daqui a janeiro tem mais cinco meses." VI 21.

"Em outubro não faz dois anos, não é?" I 131.

"Hoje já é dia 11. Quando é que é dia 18?" I 95.

"Amanhã eu apareço por lá." (av.).

O Presente do Indicativo, por sua vez, não se refere a um fato simultâneo com o momento em que se fala, mas a fatos habituais, sem referência precisa a um momento presente (isto é atribuição da forma perifrástica tipo estar + gerúndio):[11]

"Estou interessada não no que você está falando (= agora), mas em como você fala (= habitualmente)." IV 26.

Não podemos distinguir um Presente de um Futuro, no Subjuntivo, como sugere, por exemplo, a nomenclatura tradicional, pois o Presente do Subjuntivo tem, também, significação de futuro:

"Vou falar coisa que se aproveite." I 1.

"Amanhã... eu tenho quem me dê." III 125.

"Vai ter gente que fique." VII 17.

"Pode ser que a Universidade não feche, mas eu acredito que ela vai fechar." III 198.

A distinção entre estas duas formas, aliás, é particularmente difícil, porque elas estão em distribuição parcialmente complementar: a primeira nunca ocorre precedida da conjunção subordinativa "se", com que a segunda ocorre mais freqüentemente. Esta, por sua vez, nunca se encontra precedida da conjunção subordinativa integrante "que", com que a primeira freqüentemente ocorre. A oposição existe, porém, e se torna evidente em exemplos como:

"Qualquer coisa que sair, serve." VII 1.

"Fico até a hora que você queira." (av.).

Não é possível, no entanto, identificar a oposição, que aí existe, como temporal, uma vez que ambas as formas podem-se referir a futuro (como se vê, também, por outros exemplos).

3.2. O Pretérito Perfeito pode também não se referir ao pretérito e freqüentemente refere-se a fatos recém-terminados (passado próximo):

"Amanhã, a essas horas, ela já foi." (av.).

"Êle mudou a velocidade agora." V 28

"Êle viajou hoje." III 175.

"Hoje já começou a parar outra cadeira." III 174.

"Chegou agorinha mesmo, neste minuto." (av.).

Como o Presente, o Pretérito Imperfeito do Indicativo pode-se referir a um fato futuro, mas em relação ao momento passado (Futuro do Pretérito):

"Nos dois primeiros meses estudei de manhã: depois eu queria conseguir com F. prá trabalhar só meio expediente, então eu fazia as oito horas, mesmo que fôsse um pouquinho à noite, não tinha, problema, mas eu preferia estudar de manhã." IV 21.

"Quando estourou êsse negócio, que êle soube que não vinha tão cedo aqui..." III 176.

"Então ótimo, porque assim eu levava mais tempo e gravava mais coisa." VII 6.

"Mas então você não tinha que pegar, por exemplo, fala de outros lugares...?" VII 1.

"Tudo êle tinha que fazer ontem, porque se deixasse prá hoje, juntava o serviço de ontem, complicava mais." III 25.

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo pode referir-se também a fatos que não se situam pròpriamente no tempo:

"Se gravador a gente pudesse carregar no bôlso..." I 31.

"Ah, se eu pegasse essa gravação..." VII 4.

"Se êles conseguissem consertar, depois de desconser-

tar..." IV 26.

"A não ser que fôsse se o gravador estivesse escondido, sem eu saber, talvez saísse melhor." I 26.

3.3. Em meio a tôda essa complexidade, temos, porém, um fato categórico: não podemos usar Presentes e Futuros para indicar passado.[12] A seleção de formas o confirma, pois não podemos dizer: "Faço isso ontem", "... que eu faça isso ontem", "Se eu fizer isso ontem" (podemos substituir ontem por qualquer outra expressão de passado: antigamente, há muito tempo, etc.).

Já as formas do Pretérito, como vimos, podem não se referir sempre a passado.

Temos, assim, uma oposição temporal entre formas verbais que não se referem ao passado e formas que se referem, bàsicamente, ao passado, embora possam, às vêzes, neutralizar-se em relação a tempo. Se não podemos dividir esquemàticamente as formas verbais em presente, passado e futuro, nem, estabelecendo um ponto divisório para o momento em que se fala, dividi-las em anteriores e posteriores a êsse momento (porque o Presente o inclui, ultrapassando-o), podemos classificá-las da seguinte maneira:

1) formas que se referem ao passado: Passado

2) formas que não se referem ao passado: Não-Passado.[13]

Os exemplos que se seguem foram selecionados a fim de evidenciar o contraste temporal em orações de estrutura semelhante:

1) Passado:

Pt. P. "No meu tempo de Diretório Acadêmico deu bôlo mas foi menos grave." I 176.

"Cheguei lá, vi aquela planície, me senti sòzinha..." II 8.

"F. gozou à beça, a história dêle." II 13.

"Em que rua você morou?" III 10.

"Eu gostei menos de outra peça que eu vi." I 125.

"No fim saíram sem nada, puseram tudo no lugar." IV 19.

"Minha mãe desde que casou-se, ela segue essa religião." III 10.

Pt. I. "... me sentia mal, isolada, sòzinha." II 7.

"Nem eu nem F. suportávamos a comida." II 14.

"A gente encontrava muito carro no caminho." VII 7.

"Quando êle começava a falar, ninguém prestava atenção." II 13.

"Depois, quando o carro parava, vinha aquêle enxame de môsca." VII 7.

"Naquele tempo essa turma era sopa." I 128.

"... e tôda vez que a gente queria rir, era só ouvir aquilo." IV 27.

Pt. S. "... e pediu que êle tomasse conta dela." III 23.

"Aí F. respondeu que desse o resto do nome." VII 14.

"Ofereceu me levar onde eu quisesse." VII 9.

"Tudo êle tinha que fazer ontem, porque se deixasse, se juntasse, se deixasse prá hoje, juntava o serviço de hoje, complicava mais..." III 24.

"Depois, podia ser que não desse certo." III 98.

2) Não-Passado:

P. I. "Todo Diretório Acadêmico dá bôlo." I 172.

"... mas a gente sòzinha, longe de tudo, a gente se sente mal à beça." II 8.

"Coitado do F.! Todo mundo goza!" VII 6.

"Êle mora aqui, trabalha." IV 60.

"Eu gosto mais de um cinema." III 25.

"No fim, então, eu fico na maior moleza." I 144.

"... e a gente tem treinamento fonético desde que entra na Universidade, entende?" VI 9.

"Aliás, quando a gente vê o Rio Grande do Sul do alto do avião..." II 5.

"Às vêzes eu finjo que estou assim distraída." I 27.

P. S. "Êle falou... que não grave coisa que os outros não possam ouvir." II 5.

"Vou falar coisa que se aproveite." I 1.

"Vai ter gente que fique." IV 17.

"... porque F. talvez controle a situação." II 2.

"A não ser que a N. tenha alguma segurança." III 151.

"Não tem problema, que não saia bastante natural." V 1.

"Hoje, que eu tenho necessidade que saia o mais fiel possível..." V 4.

"Pode ser que a Universidade não feche." III 198.

F. S. "Se não ficar boa, nós gravamos outra." IV 26.

"Pior se aquilo lá fechar, tá todo mundo na rua." III 121.

"Ano que vem, se eu conseguir passar no concurso... eu só vou trabalhar meio expediente." IV 22.

"Nós resolvemos casar em janeiro, se Deus quiser." V 12.

"... mas quando começarem as aulas, eu tenho que estar cuidando." VI 16.

"O caso é se êles aceitarem minha comida." I 114.

"E se perder tudo, hem?" III 161.

3.4. Neutralização. Há neutralização da distinção temporal:

1) No Pretérito Imperfeito do Indicativo, quando indica desejo:

"Eu queria falar no passado, agora." I 160.

"Eu tinha vontade de ver também o candomblé." VII 11.

"(vô) cês podiam contar era a viagem que (vo) cês fizeram à Bahia." VII 6.

"Bom dela gravar era aquelas meninas que fizeram a colcha." III 6.

"Eu (es)tava com vontade de cortar o meu (cabelo), agora." V 21.

2) No Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, quando indica puramente um desejo ou uma hipótese (modo), independentemente de tempo:

"Ah, se eu pegasse essa gravação!" VII 4.

"... a não ser que fôsse se o gravador estivesse escondido, sem eu saber, talvez saísse melhor." I 26.

"Se gravador a gente pudesse carregar no bôlso..." I 31.

"Se êles conseguissem consertar, depois de desconsertar..." IV 26.

3) No Pretérito Perfeito do Indicativo, quando indica puramente o aspecto da ação:

"Sabe como é, aluna de colégio de freira, falou que é comunista se apavora!" I 211.

"Amanhã, a essas horas, ela já foi!" (av.)

4. Aspecto

Se comparamos as formas verbais que ocorrem nos seguintes períodos, notamos aí uma diferença aspectual, isto é, "da maneira de ser da ação":[14]

"... mas não se ouviu quase nada, o que se ouvia era barulho de pratos." VII 3.
"No semestre que eu trabalhei, ela não ia, não." I 152.
"Quando eu o conheci, êle freqüentava muito a Missa." III 57.
"Me sentia mal, isolada, sòzinha (...). Cheguei lá, vi aquela planície, me senti sòzinha." II 8.

"Mas F. sempre trabalhou com F." IV 137.
"Eu ia sempre à Igreja, era sempre vista." III 37.

"Você também trabalhouuno Diretório Acadêmico?" I 179.
"Ela tinha um amigo que trabalhava lá." I 116.

Vemos, aí, claramente, diferença entre uma ação que se prolonga no tempo, "ouvia," "ia," "freqüentava," "sentia," "trabalhava," e uma ação que se realizou num período de tempo mais determinado, não prolongado "ouviu", "trabalhei", "conheci", "cheguei", "vi"; "senti", "trabalhou". Podemos identificar a primeira forma como durativa, a segunda como não-durativa.[15] Costuma-se considerar que a primeira indica uma ação inacabada e a segunda, uma ação acabada. Pela comparação com as outras formas verbais, preferimos aqui outra maneira de considerá-las, a fim de englobar tôdas numa significação só, o que ficará mais claro em seguida.

4.1. Comparamos, agora, a forma que chamamos de prolongada, durativa (Pretérito Imperfeito), com exemplos do Presente do Indicativo:

"Quando êle começava a falar, ninguém prestava atenção." II 13.

"Quando rebenta a fita, que êles emendam, a gente nem sente a diferença." VII 5.

"... a gente sòzinha, longe de tudo, a gente se sente mal à beça." II 8.

"Me sentia mal, isolada, sòzinha..." II 8.

"E tôda vez que a gente ia prá escola, a gente encontrava tanto..." VII 9.

"Eu vou quase todos os domingos." III 55.

Podemos verificar por êstes exemplos, como pelos da secção precedente (3,3), o sentido não simplesmente durativo do Presente do Indicativo, mas também habitual, de coisas costumeiras, às vêzes freqüentativo, que encontramos também no Pretérito Imperfeito.

Em confronto com o Pretérito Perfeito notamos melhor êsse aspecto:

"O pai é mineiro, mas há muitos anos que mora em Goiás." VII 6.

"Em que rua você morou?" III 10.

"... e a gente tem treinamento fonético desde que entra na Universidade..." VI 9.

"Minha mãe desde que casou-se, ela segue essa religião." III 10.

"Mas tem muita coisa que eu já escrevo bem rápido." I 27.

"Já gravei no D.A. da Escola." VII 2.

"Do tamanho que êle está já não dá mais o que eu quero." VI 21.

"Já fiz bastante coisa." I 149.

4.2. A "seleção de formas" confirma êste fato, pois Pretérito Imperfeito e Presente do Indicativo ocorrem mais freqüentemente com expressões indicadoras de freqüência e hábito: "tôda vez que", "todo ano", "às vêzes", "volta e meia".

Algumas expressões, mesmo, dificilmente ocorrem com o Pretérito Perfeito;

"... às vêzes eu finjo que estou, assim distraída." I 27.

"Volta e meia eu falo uma coisa, aí paro." I 37.

"Todo ano muda o secretário, segundo me informaram." IV 16.

"Tôda vez que a gente queria rir, era só ouvir aquilo." IV 27.

Da mesma maneira, não se encontra, no "corpus", Presente ou Pretérito Imperfeito com expressões com as seguintes (que limitam a freqüência):

"Você já ouviu alguma vez?" I 122.

"18 anos que eu passei no Rio, eu fui ao cinema uma vez só." III 19.

"Na hora que eu tava cruzando com o caminhão, passou em cima do porco." VII 7.

"Na hora que êle entrou no portão, nós ligamos." IV 26.

"Êle mudou a velocidade agora." V 28.

"Ah, eu fui ao teatro, nessas férias." I 51.

"Hoje já começou a parar outra cadeira." III 160.

Com expressões que precisam um período de tempo mais marcado, podemos verificar também essa distinção entre o Pretérito Perfeito e o Presente:

"Em janeiro êle viajou pra lá." (av.)

"... de tarde nós fomos ver, aprender o caminho." II 10.

"Só no verão, no inverno não se pode fazer." I 105.

"... porque às 7 horas a gente trabalha muito mais,vviu?" I 157.

Quando temos expressões de tempo determinado com o Pretérito Perfeito, sabemos que se trata de um período de tempo definido: um determinado janeiro, o dêste ano, que passou (próximo passado); "de tarde", uma tarde de um dia determinado.

Já se usamos expressões destas com o Presente ou Imperfeito, não há essa determinação, trata-se de "verão" em geral, de "7 horas" de qualquer dia. Isto acontece porque estas formas não se restringem a um período de tempo definido, elas fogem a qualquer pontualidade.[16]

Podemos descrever gràficamente a significação aspectual de Presente e Pretérito Imperfeito como uma linha, da qual não se precisa o ponto em que começa ou em que termina.[17] Já o Pretérito Perfeito, cuja significação pode ser descrita como mais pontual, definimos, em oposição àquelas, como não-linear.

4.3. O Presente do Subjuntivo identifica-se com o do Indicativo na significação linear.

"Qualquer pessoa que tome parte em qualquer coisa que possa fazer... está implicado, não é? I 194.

"... eu tenho quem me dê." IV 125.

"Se a pessoa não tem necessidade que a gravação seja fiel..." I 26.

"Pena que o pano seja tão horroroso." I 17.

"Aqui em Brasília tem edifício particular, que a pessoa possa alugar?" IV 89.

"A não ser que N. tenha alguma segurança..." III 198.

"A gente tem que estudar, mesmo que não queira." I 47.

"Não tem problema que não saia bastante natural." V 1.

"Vou falar coisa que se aproveite." I 1.

O Futuro e o Pretérito do Subjuntivo opõem-se às formas lineares. Não encerram sentido durativo, nem habitual, mas referem-se, mais precisamente, a um período de tempo determinado:

"E se a gente conseguisse ir às 7 horas, hem?" I 155.

"Não teve uma vez que aquela eleição fôsse certa." I 215.

"Nem que a gente fôsse às 7 horas, ficasse lá até mais tarde e viesse mais cedo." I 156.

"Se eu voltar, quero ir prá (Igreja) Batista." IV 33.

"O caso é se êles aceitarem minha comida." I 144.

"Se êle vier aqui, êle vai direto pr'aquêle navio." III 166.

"... mas quando começarem as aulas, eu tenho que estar cuidando..." VII 16.

"Ano que vem, se eu conseguir passar no concurso..." IV 22.

Comparando-se estas duas últimas formas verbais com as lineares, inclusive o Presente do Subjuntivo, vê-se que encerram, em si mesmas, referência a um fato que se pode realizar, não num período prolongado de tempo, mas num período determinado, qualquer que êle seja. Quando digo, por exemplo, "se a gente fôsse às 7 horas" determino, limito o período de tempo, e a ação se restringe a êste período. Já em "às 7 horas a gente trabalha muito mais", a ação pode-se repetir, é habitual.

Também no exemplo: Amanhã, se eu ficar desempregada, prá mim não faz falta, porque eu tenho quem me dê", o Futuro do Subjuntivo indica um fato que se pode realizar num período determinado, não prolongado, enquanto o Presente do Subjuntivo indica o que se prolonga, o que se estende no tempo. Há ainda um exemplo do Pretérito Perfeito que ilustra bem a sua ligação aspectual com o Futuro do Subjuntivo: "Sabe como é, aluna de colégio de freira, falou que é comunista se apavora." (I 211). Substituindo "falou" por "se falar" temos o mesmo efeito, quanto ao aspecto verbal.

4.4. Neutralização. Há neutralização aspectual:

1) Nas formas lineares do Indicativo, quando ligadas a expressões de tempo futuro:

"Amanhã eu passo na sua casa." (av.)

"Em outubro (próximo) não faz dois anos, não é?" I 131.

"Quando estourou êsse negócio, que êle soube que não

vinha tão cedo aqui..." I 176.

2) No Presente do Indicativo, usado em narrativas de fatos passados (Presente Histórico) quando substitui o Pretérito Perfeito:[18]

"O artista é americano e êles puxam os olhos dêle, viu?" Mas fizeram de propósito, maquilaram êle de uma maneira tal que... (êle parecesse japonês)" I 84.

"Saiu tudo na gravação. Um dia F. pega a gravação prá ouvir, sabe?" VII 4.

Ficamos, em resumo, com o seguinte quadro geral de oposições categóricas, em que as formas se agrupam duas a duas, em pólos negativos e positivos: de um lado, grupos de formas de que se afirma alguma coisa, de outro, grupos de formas de que se nega alguma coisa.

	Linear		Não-linear	
	Passado	Não-passado	Passado	Não-passado
Indicativo (real)	lavava	lavo	lavei	
Subjuntivo (irreal)		lave	lavasse	lavar

QUADRO 12 - SISTEMA DE CATEGORIAS VERBAIS

5. Formas nominais

As formas nominais formam um sistema à parte, pois, ou não apresentam morfema de pessoa-número (Gerúndio e Particípio Pas

sad

sado), ou o apresentam facultativamente, condicionada sua ocorrência a fatôres sintáticos (Infinito)[19]. Gerúndio e Particípio Passado apresentam neutralização das categorias de modo e tempo, e se opõem entre si por diferença aspectual: Gerúndio é linear e Particípio Passado, não-linear. O Infinito apresenta neutralização de modo, tempo e aspecto[20].

Linear	Não-Linear	Neutro
lavando	lavado	lavar

QUADRO 13 - FORMAS NOMINAIS

1. Gerúndio - linear:

"Eu fiquei lá, morando com minha irmã casada." III 20.

"A gente perde muito tempo fazendo as coisas." I 133.

"Demoro um tempão redigindo." I 145.

"... que tinha gente batendo." II 17.

2. Particípio Passado - não-linear:

"Eu fiquei impressionada." VII 14.

"Eu estou interessada não no que você está falando, mas em como você fala." IV 26.

"Ontem até nós (es)távamos comentando a respeito; mas (es)tá todo mundo sobressaltado, não é?" IV 196.

"Tem muito funcionário que veio requisitado, não é?" IV 116.

3. Infinito - neutro

"Muitos dêles não vão entregar, apesar de terem a tese pronta." IV 18.

"No aeroporto, deram aquêle disco prá êle guardar." IV 19.

"Demora um tempão até virem os filmes da Europa." I 99.

"Prá conseguirem se eleger, fazem qualquer coisa." I 230.

"... queriam fazer uma associação, mas só prá conseguir trampolim." II 13.

"Êles fazem tanta qüestão de criar universidades..." IV 17.

6. Significação sub-morfêmica

As alternâncias de tema que estudamos no capítulo anterior (v. III, 2.) distribuem-se, como vimos, em três grupos de formas verbais.

1) Grupo do Presente - que inclui Presente do Subjuntivo e P1 do Presente do Indicativo;
2) Grupo do Imperfeito - que inclui as outras pessoas do Presente do Indicativo, o Pretérito Imperfeito, o Infinito e o Gerúndio;
3) Grupo do Perfeito - que inclui o Pretérito Perfeito, o Pretérito do Subjuntivo e o Futuro do Subjuntivo.

Segundo Nida, "Morpheme alternants whose distribution is not phonologically definable exhibit sub-morphemic differences of meaning. (...) If it is true that selection of forms contributes a factor of meaning, then the different selection (i.e. distribution) of allomorphs implies that they have different

meanings." (1963, 265).

Partindo dêste princípio, analisaremos mais profundamente êstes grupos morfológicos.

6.1. Grupo do Presente

Notamos, inicialmente, dois fatos importantes, em relação a êste grupo:

a) as alternâncias se verificam na P1 do Presente do Indicativo e em todo o Presente do Subjuntivo;

b) apenas os verbos que não são da 1ª conjugação (com exceção de estar) apresentam estas alternâncias.

As alternâncias, como vimos, podem ser vocálicas e, também, consonânticas.

6.1.1. Alternâncias Vocálicas

Todos os verbos da 2ª e 3ª conjugação com vogal da raiz média aberta (seguida de consoante) têm um alomorfe de tema para o Grupo do Presente com vogal mais fechada: média fechada para a 2ª conjugação (e,o), alta fechada para a 3ª conjugação (i,u) (v. capítulo III, 2.1.1.).

Analisemos as relações dêste fato com outros:

1) Os verbos que não têm alternância de tema apresentam neutralização da distinção entre 1ª, 2ª e 3ª conjugação na P1 do Presente do Indicativo:

1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.
|'amo|	|'vẽdo|	|'parto|

No Presente do Subjuntivo a distinção, que se faz, então, apenas entre a 1ª conjugação e as outras duas, se realiza através do morfema cumulativo:

1ª conj.	2ª e 3ª conj.
-e- ('ame)	-a- ('vẽda, 'parta)

2) De todos os verbos da 1ª conjugação que examinamos, regulares ou irregulares, apenas conseguimos alistar sete com vogal da raiz média fechada (excetuados aquêles cuja vogal da raiz é seguida de consoante nasal, pois é fonêmicamente impossível ocorrer média aberta diante de consoante nasal, neste dialeto de Português). Note-se que na 1ª conjugação é, sabidamente, onde se encontra maior número de verbos (é a classe mais aberta de verbos).

São êles (todos antecedidos ou seguidos de consoante palatal):

	P1	P2	P..S.
chegar	|'šego|	|'šega|	|'šege|
beijar	|'bežo|	|'beža|	|'beže|
desejar	|de'zežo|	|de'zeža|	|de'zeže|
queixar	|'kešo|	|'keša|	|'keše|
cheirar	|'šero|	|'šera|	|'šere|
deixar	|'dešo|	|'deša|	|'deše|
aconselhar	|akõ'selyo|	|akõ'selya|	|akõ'selye|

A maioria dos verbos da 1ª conjugação com vogal da raiz média têm essa vogal aberta, como nos exemplos:

	P1	P2	P.S.
invejar	|ĩ'vɛžo|	|ĩ'vɛža|	|ĩ'vɛže|
fechar	|'fɛšo|	|'fɛša|	|'fɛše|
esperar	|iz'pɛro|	|iz'pɛra|	|iz'pɛre|
levar	|'lɛvo|	|'lɛva|	|'lɛve|
jogar	|'žɔgo|	|'žɔga|	|'žɔge|
estourar	|iz'tɔro|	|iz'tɔra|	|iz'tɔre|
dourar	|'dɔro|	|'dɔra|	|'dɔre|[21]

Há, portanto, uma predominância quase absoluta, na 1ª conjugação, de vogal média aberta na P1 do Presente do Indicativo e no Presente do Subjuntivo.

A contraparte dêste fato é que não se encontra verbo da 2ª ou 3ª conjugação (regular) com vogal média aberta no Grupo do Presente. Há também uma predominância, nos verbos da 2ª conjugação, de vogal média fechada (e,o) no Grupo do Presente, e, na 3ª conjugação, predominância das vogais altas (i,u), não se encontrando verbos com vogais médias (e, ɛ, o, ɔ).

Temos, por isso, a seguinte distribuição das formas do Grupo do Presente pelas conjugações:

1ª conj.		2ª conj.		3ª conj.	
|'lɛvo|	|'lɛve|	|'devo|	|'deva|	|'sigo|	|'siga|
|'žɔgo|	|'žɔge|	|'sofro|	|'sofra|	|'fužo|	|'fuža|

Com o seguinte quadro de vogais:

1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.
-ɛ-	-e-	-i-
-ɔ-	-o-	-u-

Isto corresponde ao seguinte grau de fechamento (partindo do mais aberto):

1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.
ø	1	2

É muito fácil notar, agora, a relação desta alternância com a distinção de conjugações (que se faz pela vogal temática):

	1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.
Vogal temática	-a-	-e-	-i-
Grau de fechamento	ø	1	2

Se nos lembrarmos que o único caso de neutralização da distinção entre as conjugações é a P1 do Presente do Indicativo e que no Presente do Subjuntivo a distinção só se conserva no morfema cumulativo, torna-se mais evidente a significação que esta alternância tem, de distinguir as conjugações.

Esta verdadeira "compensação", que se verifica, aí, da neutralização da oposição entre as conjugações só funciona, é claro, para verbos que têm vogal média na raiz, porque permanece a neutralização quando há outras vogais, como em picar, viver, agredir:

1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.
|'piko|	|'vivo|	|a'grido|

6.1.2. Alternâncias consonânticas

Os verbos da 2ª e 3ª conjugações têm ainda outros meios de distinguir-se da 1ª (v. capítulo III, 2):

1) Verbos que têm uma consoante a mais (palatal) no alomorfe de tema do Grupo do Presente:

	G. Pr.	P. I.	P. S.
ler	|ley-|	|'leyo|	|'leya|
sair	|say-|	|'sayo|	|'saya|
valer	|valy-|	|'valyo|	|'valya|
ter	|tẽy-|	|'tẽyo|	|'tẽya|
por	|põy-|	|'põyo|	|'põya|
vir	|vẽy-|	|'vẽyo|	|'vẽỹa|
ver	|vež-|	|'vežo|	|'veža|
caber	|kayb-|	|'kaybo|	|'kayba|
saber	|sayb-|	|'sey|	|'sayba|

2) Verbos que têm consoante final diferente para o Grupo do Presente (às vêzes, também, alternância vocálica):

	Gr. Pr.	Pl	P. S.
poder	|pɔs-|	|'pɔso|	|'pɔsa|
medir	|mɛs-|	|'mɛso|	|'mɛsa|
pedir	|pɛs-|	|'pɛso|	|'pɛsa|
ouvir	|ows-|	|'owso|	|'owsa|
perder	|perk-|	|'perko|	|'perka|
trazer	|trag-|	|'trago|	|'traga|
dizer	|dig-|	|'digo|	|'diga|

fazer	|fas-|	|'faso|	|'fasa|
haver	|až- |	|'ey|	|'aža|
estar	|iztež-|	|iz'to|	|iz'teža|

O verbo querer (irregular) faz o Presente do Subjuntivo com vogal fechada, mas Pl conserva-se aberta: |'kɛro|. Os verbos saber e haver apresentam a Pl diferente de todo o resto do verbo. O único verbo da 1ª conjugação que apresenta o Presente do Subjuntivo diferente é estar: iz'teža, semelhante a haver e ver.

6.1.3. Conclusão a respeito do Grupo do Presente

Considerando que estas alternâncias morfológicas correspondem, exatamente, àqueles pontos em que se pode considerar haver uma "falha" no sistema, pois uma oposição que se manifesta claramente em outras formas verbais, no Grupo do Presente ou se neutraliza ou se representa por morfema cumulativo, concluímos que os fatos confirmam o princípio de Nida, de que há uma significação sub-morfêmica nos alomorfes condicionados morfològicamente. Há, nos alomorfes do Grupo do Presente, uma significação sub-morfêmica que corresponde à distinção de conjugações : esta alternância funciona, subsidiàriamente, distinguindo as classes de verbos.

6.2. Grupo do Perfeito

O número de verbos que apresentam alomorfe distinto no Grupo do Perfeito é pequeno, em relação aos outros (embora sejam todos verbos de grande freqüência na fala). Esta irregularida-

de atinge, portanto, uma parcela pequena do sistema verbal.

6.2.1. Deve-se, porém, notar:

1) Nunca há alternância de tema entre os paradigmas do Grupo do Perfeito. Verificamos que o Grupo do Perfeito é um grupo coeso: sempre Pretérito Perfeito do Indicativo, Futuro e Pretérito do Subjuntivo têm o mesmo alomorfe de tema (inclusive nos verbos anômalos).

2) Uma vogal temática especial ocorre em tôdas as formas do Grupo do Perfeito, e só nelas: |- ɛ -|

3) o alomorfe do Grupo do Perfeito, nos verbos que o têm distinto, distingue-se dos outros (tanto do Grupo do Presente como do Grupo do Imperfeito), por ter sempre a vogal da raiz mais fechada. (v. III 2.2.3.B).

4) Acrescente-se o fato de ser a alternância temática, freqüentemente, a única diferença "aberta" entre o Pretérito Perfeito e o Presente do Indicativo.

Vemos que esta alternância temática tem como que um sentido latente, que emerge em certas formas. A vogal que ocorre com o Grupo do Perfeito também partilha de seu sentido, pois, na distinção entre o Futuro do Subjuntivo e o Infinito é ela que, junto com a raiz, realiza a oposição (v. III 2.2.3.).

Todos êstes fatos nos levam a procurar algo de comum a êste grupo, que o diferencia dos outros, particularizando-o.

6.2.2. O sentido sub-morfêmico desta alternância só pode ser o

mesmo que ela tem quando morfêmico e pode ser determinado, verificando-se a que (no plano do significado) corresponde a diferença formal entre elas.

Quando opomos |fa'zemuz| a |fi'zɛmuz|, estamos distinguindo formas que se opõem quanto a tempo e aspecto. A forma |fi'zɛmuz| refere-se, como vimos, a uma ação não-linear, passada; a outra, |fa'zemuz|, a uma ação linear, não-passada. Enquanto |fi'zɛr| (em oposição a |fa'zer|) indica uma ação datada num ponto qualquer do tempo (tempo por vir, não-passado), |fa'zer| é neutra, não indica nenhuma época ou aspecto da realização. A diferença comum entre estas formas só poderia, então, ser atribuída a aspecto, pois o tempo em |fi'zɛmuz| corresponde a passado e em |fi'zɛr| a não-passado, como vimos.

Para verificar o que têm de comum as formas do Grupo do Perfeito que as outras não têm, examinamos, nos dados do "corpus", os usos de umas e de outras. Verfficamos, como tentamos demonstrar no capítulo presente (secção 4), que o que separa o Grupo do Perfeito do resto é, na verdade, uma diferença de aspecto: o Grupo do Perfeito tem, em comum, o aspecto que chamamos não-linear, isto é, poder referir-se a um ponto mais preciso do tempo, enquanto as outras formas, lineares, apresentam a ação no seu aspecto durativo.

Esta diferença aspectual é expressa, nos verbos sem alternância, pelos morfemas MTA, e nos verbos com alternância para o Grupo do Perfeito, subsidiàriamente, também, através de alternância de tema, que se torna morfêmica quando é a única distinção formal entre determinadas formas (redundante)[22].

Para ilustrar esta conclusão, um exemplo do verbo vir. A forma usada na fala coloquial "tensa" é |'vimuz| para a P3 do Presente do Indicativo, mas a que se usa comumente, na língua coloquial espontânea, é |vi'ɛmuz|, idêntica à da P3 do Pretérito Perfeito:

"Viemos aqui convidá-lo..." (av.).

A explicação para se preferir o uso de viemos parece ser:

1 - evitar a confusão com a P3 do Pretérito Perfeito do verbo ver: vimos;

2 - a P3 do Pretérito Perfeito, nos verbos regulares, identifica-se com a P3 do Presente do Indicativo (cf. lavamos). Nada mais natural, portanto, que se lance mão da forma do Pretérito Perfeito, quando se quer evitar confusão;

3 - a distinção aspectual entre Presente do Indicativo e Pretérito Perfeito (linear X não-linear) neutraliza-se nesta situação: a) pela extensão do Presente para indicar fato futuro, em que o aspecto linear desaparece. (v. secção 4); b) porque numa oração como "Viemos aqui convidá-lo", embora se trate de uma situação presente, temos um resultado atual de uma ação passada: viemos e chegamos aqui (isto também é próprio do sentido do verbo vir).

Neste caso, podemos dizer que se neutraliza inteiramente a distinção entre Presente e Pretérito, ou melhor, entre Passado e Não-Passado, ficando esta forma para indicar nada mais que um aspecto: resultado atual de uma ação passada, um sincretismo entre Presente e Perfeito, uma espécie de "Presente Permansivo"[23].

É importante lembrar, também, como já o fizemos, a lacuna que fica, no quadro do Sistema Verbal, para "não-passado, não--linear".

APÊNDICE - FORMAS MARGINAIS

Chamamos de marginais, aqui, certas formas da língua literária que ocorrem esporàdicamente na língua coloquial, paralelamente a outras mais freqüentes. São elas o chamado Futuro do Presente e o Futuro do Pretérito.

1. Futuro do Presente. É raríssimo na fala. Além da expressão estereotipada "será que", ocorre apenas um exemplo, no "corpus", de futuro simples (há alguns outros exemplos na locução verbal composta como ter):

"Será que eu vou?" I 126.

"Será que a gente não arranja um emprêgo melhor? I 116.

"Será que a gente ouve aqui no Brasil?" I 121.

"Será que essa que eu estou falando é espontânea?" I 8.

"Êle provàvelmente sairá, porque..." IV 17.

"Onde terá ido parar o grampeador?" (av.).

"De onde terá surgido êsse costume?" VI 27.

Verificamos que todos os exemplos colhidos têm em comum o traço de dúvida, de irrealidade. Consideramos esta forma uma expressão meramente modal, marginal no sistema verbal. Mattoso Câmara, em 1956, assinala que o tempo futuro, para a asserção franca, se realiza essencialmente pela forma de Presente, ao registrar a "intromissão da dúvida, da mera potencialidade", na idéia de futuro. Mais recentemente, afirma que, na língua coloquial,"... os futuros são suprimidos pela extensão dos conceitos do Presente e Pretérito Imperfeito..." (1960, XI, 5). Kahane e Hutter também assinalam o desaparecimento do "futuro absoluto", "for all practical purposes, at the colloquial speech level of our informants." (1953, 21).

Por ser marginal no sistema, portanto, preferimos tratá-lo à parte. Em confronto com os outros morfemas, porém, podemos segmentar |-rá| como um sufixo verbal que indica "dúvida" em relação a um fato futuro, ocorrendo paralelamente a outras formas modais.

2. Futuro do Pretérito. Ocorre mais freqüentemente (8 exemplos, em cêrca de 1.500 orações) que a outra forma marginal acima descrita, embora seja mais rara do que as descritas como do sistema flexional, pròpriamente:

"O coordenador seria F." IV 17.

"Eu não iria almoçar tão cedo." (av.).

"Se eu recebesse apartamento, provàvelmente casaria em novembro." III 76.

"Mas eu achava que, naquele momento, êle não de-

veria estar em Guarapari." VII 15.

"Nesse caso, seria o burro, que atropelaria." II 8.

"Êles disseram até que seria bom que morasse um funcionário lá." V 15.

Paralelamente, ocorre, com maior freqüência, o Pretérito Imperfeito (o que já Said Ali indicava em sua Gramática Secundária, pg. 226), ou a forma perifrástica composta de Pretérito Imperfeito do verbo ir, mais o Infinito do verbo principal:

"Deveria... tinha que ser moça." IV 97.

"... então eu ia casar em novembro." VI 17.

Neste primeiro exemplo, temos a substituição, na própria seqüência da fala (depois de uma hesitação), da forma em |-ria| pelo Pretérito Imperfeito.

Só ocorre, esta forma, no singular, como se vê acima. Pela comparação dos exemplos, poderíamos segmentar um morfema |-ria|, cuja significação geral parece ser modal, ligada à irregularidade[23]. Refere-se, mais freqüentemente, a uma hipótese, estando relacionada com o Pretérito do Subjuntivo. Kahane e Hutter classificam-na como "potencial" (v. 1953, 34).

3. Imperativo. Não há um morfema distinto para Imperativo no Português coloquial. Temos uma extensão do uso do Presente do Indicativo:

"Pára, por favor!" V 3.

"Mas olha, já o seminário já vai começar dando trabalho..." I 150.

"Olha, êle está tomando conta..." IV 24.

"Diz prá êles fazerem um café mais gostoso."(av.).

"Me conta o que você tem feito." III 1.

"Êle mudou a velocidade agora, vê se é possível!" VI 28.

Como não há um morfema de Imperativo, situa-se fora do âmbito dêste trabalho o estudo dêste fato, que, aliás, é pouco freqüente. Mattoso Câmara, em 1960, já ensinava: "Na língua coloquial do Português americano, usa-se, nas "ordens", o Presente geral e assim se elimina o Imperativo." (cf. 1960, I, 6).

N O T A S

1 - Para evidência de oposição entre os diversos morfemas, bastaria a análise no nível da palavra, pois, segundo Nida, "... a contrast in an identical or immediate tactical environment cannot be controverted by complementation in non identical or non immediate tactical environments." (1963, 261). Achamos necessário apresentar o jôgo de oposições categóricas exemplificado na oração, pelo fato de várias categorias se expressarem em um morfema só, o que se mostra mais nìtidamente em contextos maiores.

2 - Êste esquema concorda com o esboçado por Kahane e Hutter: "there are two subclasses of the category person in colloquial Portuguese: speaker and non-speaker." (1953, 39).

3 - Esta neutralização estende-se à Morfologia, diferentemente das outras dêste capítulo, onde generalizamos o têrmo neutralização para abranger fenômenos de nível superior, em que categorias claramente reconhecíveis em determinadas situações, anulam-se, neutralizam-se, em outras. A generalização do têrmo baseia-se em Sidney Lamb (1964, 57-78).

4 - Modo, entendido como em Nida: "the psychological atmosphere of an action as interpreted by the speaker: Indicative (or declarative) indicating a more or less neutral, objective attitude.(...) "Subjunctive, indicating some contingent character of on action." (1949, 168-9).

5 - Também dão preponderância ao critério sintático Kahane e Hutter, que consideram o modo no Português coloquial do Bra

sil "the linguistic expression of the relationship between the action and another verb in the sentence." (1953, 29).

6 - Nesta linha geral de interpretação está Herculano de Carvalho, considerando o "conjuntivo" como modo da irrealidade e da potencialidade, mas condicionado em muitos casos (1960 - - 1961, 129 ss.).

7 - Comparem-se: "Eu acho que eu me lembro dessa." II 11; "Acredito que ela vai fechar." IV 198. Para os dois últimos exemplos, cf. Said Ali, Gramática Secundária, 228.

8 - Cf. Said Ali, Gramática Secundária, 231.

9 - Cf. Bloomfield, "selection of forms contributes a factor of meaning" (1933, 145, cit. por Nida, 1963, 264).

10 - Para futuro mais remoto, a forma mais usada é a locução formada do Presente do Indicativo do verbo ir mais o Infinito do verbo principal, como: vai fechar, vai sair, etc.

11 - Cf. Epiphanio Dias: "Querendo-se designar explìcitamente o que se está dando no momento em que a pessoa fala, de modo que não haja confusão dom a designação do que costuma acontecer, emprega-se a conjugação periphrastica, composta do verbo estar com o particípio presente." (1954, 183).

12 - Para Presente Histórico, v. 4.4.

13 - Esta divisão concorda, em linhas gerais, com a de Kahane e Hutter: "Past" e "Non-past" (1953, 18-19).

14 - Cf. Nida, 1949, 167.

15 - Said Ali apresenta como as duas principais funções, respectivamente, do Presente e do Imperfeito, exprimir ação durativa e freqüentativa (cf. Gramática Secundária, 220, 221).

Cf. também Ângela Vaz Leão: "... o Pretérito Perfeito, situando a ação num momento preciso do passado, opõe-se ao imperfeito de tinha razão, que exprime a duração do processo, o fato não momentâneo." (1961, 76).

16 - Quando usamos Presente ou Pretérito Imperfeito com expressões temporais que limitam o tempo, como "hoje", "agora", "nessas férias", temos sentido de futuro (v. 4.4.).

17 - Cf. Said Ali: "o Pretérito Imperfeito não determina o momento em que começa ou em que acaba a ação duradoura ou repetida. (...) o Pretérito Perfeito, pelo contrário, refere-se a ação como tendo ocorrido em certo momento ou durante um período definido." (G. S. 221).

18 - Note-se a correlação entre o Presente Histórico e a célula vazia para "não-linear" não passado, no quadro geral das categorias verbais (v. quadro 12).

19 - Um estudo exaustivo do uso do Infinito não estava nos limites dêste trabalho. O que parece evidente, porém, é que êle pode ocorrer com morfemas de pessoa tôda vez que há necessidade de clareza ou ênfase. O que Said Ali indica em seu estudo sôbre "O Infinito Pessoal", nas "Dificuldades da Língua Portuguêsa" (1957, 72) parece inteiramente válido para o nosso material: em regra geral, o Infinitov vem flexionado quando tem sujeito próprio (v. quatro primeiros exemplos) e sem flexão quando tem o mesmo sujeito de ou outro, já flexionado antes dêle (v. três últimos exemplos).

20 - Cf. Mattoso Câmara, 1960, XI, 9.

21 - Sousa da Silveira já anotara esta pronúncia: "Nos infini-

tivos estourar, roubar, afrouxar, dourar, o ditongo ou é muita vez pronunciado como ô fechado átono: estorar, robar, afroxar, dorar, e então o povo tira dêsses infinitivos as formas do indicativo estóra, róba, dóra, em lugar, respectivamente de estourar, rouba, afrouxa, doura, e assim procede por analogia com verbos como apavorar, que faz apavóra." (1960, 58-59).

22-- Esta alternância foi considerada sub-morfêmica por ser irregular no sistema verbal: verifica-se num número reduzido de verbos; na maioria das formas verbais em que ocorre, ela é redundante, porque as distinções se fazem através do sistema flexional, regularmente; ela só se torna êmica nas formas verbais em que, regularmente, há neutralização das oposições categóricas e, então, não corresponde exclusivamente a aspecto, mas também a modo e tempo.

23 - Vejam-se, aliás, considerações de Jespersen a respeito do Perfeito: "... the perfect cannot be fitted into the simple series, because besides the purely temporal element it contains the element of result. It is a present, but a permansive present: It represents the present state as the outcome of past events, and may therefore be called a retrospective variety of the present." (1957, 269).

24 - Cf. Mattoso Câmara: "De qualquer maneira, o futuro do pretérito não escapa às contingências de expressão modal, que vimos estarem na essência da categoria de futuro e pode ser lìdimamente um tempo, ter gradações modais ou ser francamente intemporal" (1956, 49). Um estudo mais aprofundado

destas formas (Futuro do Presente e Futuro do Pretérito) na língua coloquial só seria, talvez, possível, com material especìficamente colhido para êste fim, em virtude de sua ocorrência rara.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGARD, Frederick B. Structural Sketch of Rumanian. Language (Baltimore) 34 (3, port 2) July-Sept., 1958, 127p. (Language Monograph, 26).

ALONSO, Amado y URENA, Pedro Henriquez. Gramática Castellana Segundo Curso. 15ª ed. Buenos Aires, Ed. Losada S/A, 1958 p. 102-157.

BENDOR-SAMUEL, John T. "Some problems of segmentation in the phonological analysis of Tereno." Word (New York), 16: 348--355, 1960.

BLOCH, Bernard. "English verb inflection." Language (Baltimore) 23: 399-418, 1947. In: Joos, Martin, ed. Readings in Linguistics. 3rd ed., New York, American Council of Learned Societies, 1963, p. 243-254.

BOLÉO, Manuel de Paiva. "Tempos e Modos em Português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo." Boletim de Filologia (Coimbra) 3, 1934.

------ O Perfeito e o Pretérito em Português (em confronto com outras línguas românicas). Estudo de caráter sintático-estilístico. Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

------ O Estudo dos Dialetos e Falares Portuguêses (um inquérito lingüístico). Coimbra, 1942.

BOWEN, J. Donald & STOCKWELL, Robert P. "The phonemic interpretation of semi-vowels in Spanish." Language (Baltimore) 31 (2): 236-240, April-June, 1955.

BULL, William E. Time, Tense and the Verb. A study in theoretical and applied linguistics, with particular attention to Spanish. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1963, 120 p. (University of California Publications in Linguistics, vol. 19).

CÂMARA JR., J. Mattoso. "Una alternancia portuguêsa: fui-foi". Separata de La Revista de Filología Hispánica (Buenos Ayres--New York) 1 (3), 1938, 3 p.

------ Para o Estudo da Fonêmica Portuguêsa. Rio, Ed. Organização Simões, 1953, 176 p.

------ Uma forma verbal portuguêsa. Estudo Estilístico-Gramatical, Rio, Livraria Acadêmica, 1956, 100 p.

------ Crônica linguística. A teoria sintagmática de Mikus. Separata da Revista Brasileira de Filologia (Rio) 2 (II): 246--259, dez., 1956.

------ Dicionário de fatos gramaticais. Rio, MEC - Casa de Rui Barbosa, 1956.

------ Recensão de "Mélanges linguistiques" (publiés à l'ocassion du VIII Congrès International des Linguistes à Oslo, du 5 au 9 août 1957). Bucarest, Éditions de l'Académie de la Ré-

publique Populaire Roumaine, 1957, 302 pp. Reprinted from Romance Philology, vol. XVII, nº 2, Nov., 1963, University of California, Berkeley, p. 449-453.

------ "Sôbre o Futuro Romance". Separata da Revista Brasileira de Filologia. (Rio) 3 (II), dez., 1957, 3 p.

------ Princípios de Lingüistica Geral. 3ª Ed. Rio de Janeiro, 1959.

------ A língua portuguêsa. (Curso ministrado na University of Washington, Seattle, Washington, junho-agôsto de 1960). 71p. datilografadas, p. 1-38, 54-71, cap. I/V, XI/XIII.

------ Manual de expressão oral e escrita. Rio, J. Ozon Ed., 1961, p. 129-138.

------ Recensão de Roman Jakobson, "Selected Writings, I. Phonological Studies." 's Gravenhage: Mouton & Co., 1962. xii + + 678 p. Reprinted from Word, 20 (1). 79-89 April, 1964, p. 79-89.

------ Verbos irregulares. s.d., 16 p. datilografadas.

CARVALHO, José G. Herculano de. Introdução aos Estudos Lingüísticos. Coimbra, ed. datilografada, 1960-1961.

CHOMSKY, Noam. Syntactic Structures. 2nd ed., 's Gravenhage Mouton & Co., 1962. p. 11-48.

CINTRA, Geraldo. "Ensaios sôbre a estrutura do português do Bra

sil, I" Estudos. (São Paulo) 1 (1): 17-32, 1962.

------ "Ensaios sôbre a estrutura do português do Brasil, II." Estudos (São Paulo) 1 (3): 19-32, 1962.

------ "Ensaios sôbre a estrutura do português do Brasil, III." Estudos (São Paulo) 1 (4): 15-26, 1962.

CUESTA, Pilar Vazquez & LUZ, Maria Albertina Mendes da. Gramática Portuguêsa. 2ª ed. Madrid, Ed. Gredos, 1961, p. 77-95, 350-398, 477-500.

DIAS, Epiphanio da Silva. Sintaxe Histórica Portuguêsa. 3ª ed., Lisboa, Liv. Clássica Ed., p. 183-250.

DIVER, William. "The chronological system of the English Verb." Word (New York) 19 (2): 141-181, Aug., 1963.

GARCIA, Erica B. Recensão de Sol Saporta & Heles Contreras "A Phonological Grammar of Spanish." Seattle, University os Washington Press, 1962. In: Word. (New York) 19 (2): 258 - -265, Aug., 1963.

GAREY, Howard B. "Verbal Aspect in French." Language. (Baltimore) 33 (2): 91-110, Ap-June, 1957.

GUIRAUD, Pierre. La Sémantique. Paris, Presses Universitaires de France, 1955, p. 1-24.

HALL, Pauline Cook. A bibliography of Spanish Linguistics: articles in serial publications. Language. (Baltimore) 32 (4,

part 2), Oct.-Dec., 1956, 162 p. (Language Dissertation, 54).

HALL JR., Robert A. Hungarian Grammar. Language. (Baltimore 20 (4), Oct.-Dec., 1944, p. 36-48. (Language Monograph, 21).

------ "The Unit Phonemes of Brazilian Portuguese." Studies in Linguistics (New Haven, Connecticut) 1 (15), April, 1943.

HARRIS, Zellig S. "Morpheme Alternants in Linguistic Analysis." Language (Baltimore) 18: 169-180, 1942. In: Joos, Martin ed. Readings in Linguistics. 3ª ed., American Council of Learned Societies, 1963, p. 109-115.

------ Methods in Structural Linguistics. Chicago, The University of Chicago Press, 1951, p. 219-242.

HAWKINS, Neill & HAWKINS, Robert. "Verb Inflection in Waiwai (Carib)." International Journal of American Linguistics (Baltimore) 19 (3): 201-211, July, 1953.

HILL, Archibald A. Introduction to Linguistic Structures (from sounds to sentence in English). New York, Harcourt and Co., 1958, p. 138-229, 441-473.

HOCKETT, Charles F. "Two models of grammatical description." Word (New York) 10: 210-231, 1954. In: Joos, Martin, ed. Readings in Linguistics. 3ª ed. New York, American Council of Learned Societies, 1963, p. 386-400.

------ A Course in Modern Linguistics. New York, The MacMillan Co., 1960, p. 123-146, 209-213, 271-293.

------ "Linguistic elements and their relations." Language (Baltimore) 37 (1): 29-53, Jan-March, 1961.

------ "Manual of Phonology." International Journal of American Linguistics (Baltimore) 21 (4): 127-128, Oct., 1955.

------ "Problems of Morphemic Analysis." Language (Baltimore), 23: 321-243, 1947. In: Joos Martin, ed. Readings in Linguistics. 3ª ed. New York, American Council of Learned Societies, 1963, p. 229-242.

HOUAISS, Antônio. Tentativa de Descrição do Sistema Vocálico do Português Culto na Área Dita Carioca. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1959, 137 p.

JESPERSEN, Otto. Essentials of English Grammar. London, George Allen & Unwin Ltd., 1957, p. 230-250.

------ The Philosophy of Grammar. 8th ed. London, George Allen & Unwin Ltd., 1957, p. 212-225, 254-289, 313-321.

KAHANE, Henry & HUTTER, Harriet S. "The verbal categories of colloquial Brazilian Portuguese." Word (New York) 9 (1): 16-44, April, 1953.

KATZ, Jerrold & FODOR, Jerry A. "The structure of a semantic theory." Language (Baltimore) 39 (2): 170-210, April-June, 1963.

KOUTSOUDAS, Andreas. Verb Morphology of Modern Greek: a Descriptive Analysis. International Journal of American Lin-

guistics. (Bloomington) 28 (4), Oct., 1962, 72 p. (Publication of the Indiana Research Center in Anthropology, Folklore and Linguistics, 24).

LACERDA, Eulício Farias. "O tratamento do fonema "S" em Português." Revista Brasileira de Filologia. (Rio) 6 (1): 43-50, junho, 1961.

LAMB, Sydney M. "The sememic approach to structural semantics." American Anthropologist (Berkeley) 66 (3, Part 2): 57-78, June, 1964.

LEÃO, Ângela Vaz. O Período Hipotético Iniciado por "se". Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1961, 232 p.

LEMLE, Miriam, Descrição Fonêmica do Falar do Rio de Janeiro. 1963, 23 p. datilografadas.

------ Os Alofones Surdos das Vogais na Fala do Rio de Janeiro. Comunicação apresentada à VI Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo, 1963, 2p.

LLORACH, Emilio Alarcos. "Los morfemas extensos y el verbo español." In: Gramatica Estructural. Madrid, Ed. Gredos, 1951, p. 97-126.

LOUNSBURY, Floyd G. "The method of descriptive morphology. Oneida Verb Morphology." Yale University (Publications in Anthropology, 48), 1953. In: Joos, Martin ed. Readings in Lin-

guistics. 3ª ed. New York, American Council of Learned Societies, 1963, p. 379-385.

LONGACRE, Robert E. Grammar discovery procedures. The Hague, Mouton & Co., 1964, p. 114-124.

LUDTKE, Helmut. "Fonemática Portuguêsa. I. Consonantismo." Boletim de Filologia (Lisboa) XIII (3 e 4): 273-288, 1952.

------ Recensão de J. Mattoso Câmara Jr. "Os Fonemas em Português." Boletim de Filologia (Rio) 9: 1-30. In: Boletim de Filologia. (Lisboa) XII (3 e 4): 353-355, 1951.

MARTIN, John W. "Remarks on the origin of the Portuguese Inflected Infinitive." Word (New York) 16 (3): 337-343, 1960.

MARTINET, André. Lá description phonologique (avec application au parler franco-provençal d'Hauteville - Savoie) Paris, Societé des Publications Romanes et Françaises. 1956.

------ A Functional View of Language. Oxford, Clarendon Press, 1962, 163 p.

------ Elementos de Linguística Geral. (Tradução baseada em original ampliado pelo Autor e adaptada para leitores de Língua portuguêsa por Jorge Morais Barbosa). Lisboa, Sá da Costa Ed., 1964, 221 p.

NIDA, Eugene A. "The identification of morphemes." Language 24: 414-441, 1948. In: Joos, Martin, ed. Readings in Linguistics. 3ª ed., New York, American Council of Learned Societies,

1963, p. 255 -271.

------ Morphology - The Descriptive Analysis of Words. 2ª ed. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1949, p. 46, 117-137, 165-169, 223-243.

OLIVEYRA, Fernão d'. Grammatica da Lingoagem Portuguesa (Texto reproduzido por Olmar Guterres da Silveira). Rio, Jornal do Comércio, 1954, p. 33-95.

PEI, Mario. A Dictionary of Linguistics. London, Peter Owen Lim , 1958.

PICKETT, Velma & ELSON, Benjamin. An Introduction to Morphology and Syntax. Santa Ana, California, Summer Institute of Linguistics, 1962.

PIKE, Keneth. Phonemics. A Technique for Reducing Language to Writing. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1947, p. 1-42, 57-64, 191- 202.

------ Language (in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior) Glendale, California, Summer Institute of Linguistics, 1960, Part I: p. 84-85, 96-97; Part III: 1-37, 64a-65b, 83-104.

POLITZER, Robert L. Recensão de Paul Imbs. "L'emploie des temps verbaux em français moderne: essai de grammaire descriptive." Paris, Klincksiek, 1960. Language (Baltimore) 37 (II) : 284-287, April-June, 1961.

REED, David W. & LEITE, Yolanda. "The segmental phonemes of Brazilian Portuguese: Standard Paulista Dialect." In: Pike, Keneth. Phonemics. A Technique for Reducing Language to Writing. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1947, p. 194-202 b.

ROGERS, Francis M. Recensão de J. Mattoso Câmara Jr. "Para o Estudo da Fonêmica Portuguêsa." Language (Baltimore) 30 (4): 503-509, Oct.-Dec., 1954.

RUIPÉREZ, Martín S. "Neutralization of morphological oppositions as illustrated by the neutral aspect of the Present Indicative in Classical Greek." Word (New York) 9 (3): 241-252, 1953.

SAID ALI, M. Dificuldades da Língua Portuguêsa. Rio, Acadêmica, 1957, p. 55-88, 117-150.

------ Grammatica Secundaria da Língua Portuguesa. São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, s.d., p. 99-139, 220-250.

SAPORTA, Sol. "Spanish person markers." Language (Baltimore) 35 (4): 612-515, Oct.-Dec., 1959.

SILVEIRA, Sousa da. Lições de Português. 6ª ed. Rio, Livros de Portugal, 1960, p. 58-59, 125-131, 206-219.

SWANSON, D.C. Recensão de: Koutsoudas, Andreas. "Verb Morphology of Modern Greek." Language (Baltimore) 40 (2): 273-275, Ap-June, 1964.

STEN, Holger. Les particularités de la langue portugaise. Cope

nhague, Einar Munskgaard, 1944, 77 p. (Travaux du cercle Linguistique de Copenhague, v. II).

TRAGER, George L. "French Morphology - Verb Inflection." Language (Baltimore) 31 (4): 511-529, Oct.-Dec., 1955.

ULLMANN, Stephen. Semantics - an introduction to the science of meaning. Oxford, Basil Blackwell, 1962, p. 1-35.

VIANA, Gonçalves. Essai de Phonétique et de Phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. 2ª ed. Lisboa, Of. Fernandes, 1941, p. 1-25.

WELLS, Rulon S. "Immediate Constituents." Language (Baltimore) 23: 81-117, 1947, In: Joos, Martin ed. Readings in Linguistics. 3ª ed. New York, American Council of Learned Societies, 1963, p. 186-207.

WHITE, James H. The methodology of Sememic Analysis with special application to the English Prepositions. Berkeley, University of California, 1963.

IMPRESSO NA GRÁFICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS